José Maria d'Andrade

MEMORIAS

DO

MOSTEIRO DE CELLAS

Só Deus é grande, depois de Deus— a virtude.

COIMBRA
IMPRENSA ACADEMICA
1892

MEMORIAS

DO

MOSTEIRO DE CELLAS

JOSÉ MARIA D'ANDRADE

MEMORIAS

DO

MOSTEIRO DE CELLAS

Só Deus é grande, depois de Deus—
a virtude.

COIMBRA
IMPRENSA ACADEMICA
1892

Ao Ex.mo Sr. Conselheiro — Dr. Antonio José da Rocha, como testemunho de muita consideração e estima.

J. José Maria de Andrade

MEMORIAS

DO

MOSTEIRO DE CELLAS

> **Só Deus é grande, depois de Deus— a virtude.**

Corria o mez de abril de 1209 da era christã, e tres mulheres piedosas, que em Coimbra soccorriam enfermos pobres e desvalidos, fugiam do bulicio do povoado a procurar na solidão da vida eremitica a penitencia em purgação das imperfeições de suas almas, e na oração a graça de Deus pelos vivos e defunctos, sem esquecer a grande virtude da caridade, como irmãs hospitaleiras dos pobres pelo amor de Deus.

Esta inspiração divina as guiou pelo caminho recto do justo, e as conduziu até ao solitario sitio dos matagaes da quinta de Vuimarães, que a infanta D. Sancha, filha do rei D. Sancho I de Portugal, lhes concedera para seu retiro á vida contemplativa, a que Deus as havia chamado.

O logar era azado ao seu intento, solitario para a oração, e proximo de Coimbra, aonde facilmente iriam soccorrer os necessitados, voltando em breve ao seu tugurio.

Por suas mãos e industria propria construiram em separado umas toscas *cellas* para sua habitação, e deram principio ao seu santo ministerio.

Não tardou muito que outras boas mulheres, pela noticia das virtudes d'estas encelladas, abnegassem os commodos da vida para seguirem o mesmo caminho que aquellas haviam trilhado.

Em 1210 eram já nove estas encelladas de Vuimarães. A infanta D. Sancha achava-se então em Alemquer; e sabendo da boa vida d'estas mulheres piedosas, e condoida das inclemencias por que passavam naquelles mal construidos cenobios, resolveu mandar edificar alli uma casa, mais ampla e de melhor desafogo, para seu recolhimento e em commum e de mutuo auxilio espiritual e temporal servirem a Deus.

No valle de Vuimarães, quasi na extremidade de um dos mais famosos arrabaldes de Coimbra, se ergueu a casa que foi principio do mosteiro.

A palavra *mosteiro* quer dizer—logar triste e só, e segundo a tradição teve seu assento onde hoje se vê levantado o claustro.

A data da sua fundação é todavia incerta e se esconde na noite dos seculos; mas segundo Carvalho, na *Chorographia Portugueza*, tomo 2.º, teve logar em 1210, ou como diz Bayam no seu *Portugal Glorioso*, liv. 1.º, n.º 20, em 1215; mas é certo que em 1219 já alli habitavam algumas religiosas, como se sabe da doação que a fundadora lhes fez de umas azenhas que tinha em Alemquer, e de que falla George Cardoso no *Agiologio Lusitano*, tomó 2.º. Estas azenhas foram vendidas ha pouco tempo por virtude da lei da desamortisação dos bens dos conventos extinctos.

De Alemquer mandou a infanta algumas religiosas para companheiras d'aquellas encelladas, e da sua vinda existiu no mosteiro uma lapide commemorativa que não chegou a nossos dias.

Com a chegada das religiosas de Alemquer se deu começo á vida monastica em clausura, e com exercicios mais regulares de côro na primitiva egreja, cujo local ainda hoje conserva o nome de egreja velha, pois que a que hoje existe é obra muito posterior, levantada pelo generoso Bispo de Coimbra, D. Affonso de Castelbranco, que tanto illustrou o seu episcopado com fabricas grandiosas, e obras meritorias em honra de Deus e proveito de seus subditos, —tanto no espiritual como no temporal, segundo diz o mesmo George Cardoso.

Depois da morte do rei D. Sancho I o infante D. Pedro ausentou-se do reino por causa de discordias com seu irmão D. Affonso II, e em 1212 entrou com mão armada

no reino, acompanhado do rei de Leão que vinha para defender D. Sancha e sua irmã.

A infanta sentia-se opprimida de desgostos e desassocegos; e querendo procurar remedio a estes males, encontrou-o no seu mosteiro: alli na soledade, em que a cogitação lhe apresentava a idéa de Deus em toda a sua grandeza e a idéa do homem em sua exiguidade. E em verdade nada ha mais bello do que a religião de Christo; fortalece a virtude,—perdoa ao criminoso arrependido,—consola o triste—e assegura ao crente a eterna ventura.

Bondosa de coração, temente a Deus e firme na sua crença, a infanta foi inabalavel em sua resolução, e de motu proprio e da melhor vontade trocou as vestes roçagantes da realeza, que despiu, para revestir contente o singelo habito de tecido grosseiro de religiosa, em feitio de tunica cingida á cinta por cordão de penitente, que era o primitivo habito dos frades e freiras. (*Historia Seraphica.*)

Deixou as grandezas do mundo, que a martyrisavam com os seus espinhos, para se acolher ás grandezas reaes da vida eterna, que a esperavam e aguardavam no seu mosteiro.

Afinal nasceu o dia venturoso por que a infanta tanto suspirava; e com passo firme e sem saudades do mundo se dirigiu a caminho da desejada cella, onde só se tratava de Deus e de seus santos mandamentos.

No mosteiro havia então grande alvoroço e anciedade pela vinda da sua fundadora, e as boas e singelas almas que alli a esperavam rendiam graças a Deus por esta mercê.

Era dia de festa, e de ineffavel jubilo para aquellas emparedadas.

I

A profissão

O rosto humano é o espelho onde se reflectem todas as impressões da alma, e a infanta ia a caminho do mosteiro com rosto alegre e satisfeito, vestida de gala á moda do seu tempo, e acompanhada de suas donas e donzellas, e

do D. Prior de Santa Cruz, com quem fallava das cousas de Deus e da vida eterna.

Assim distrahida chegou ao mosteiro, onde a aguardava a superiora com as mais religiosas, que a receberam como um presente vindo do Céo.

Dadas as boas vindas, se encaminharam todas para a egreja; e alli a infanta, depois de demorada oração, acompanhada de lagrimas mal contidas e commovida, illuminando-se-lhe o rosto, com voz firme e levantada, olhos fixos na imagem de Christo crucificado, exclamou: «Senhor Deus todo poderoso e de misericordia, — tende compaixão de mim peccadora;—Virgem Mãe de Deus, amparae-me no caminho da virtude: eu Sancha, humilde serva do Senhor, prometto amar a Deus e ao proximo, como a mim mesma, o mais que puder e estiver em minhas frageis forças, e viver e morrer nesta clausura na obediencia á sua superiora».

Estavam pronunciadas as palavras sacramentaes da antiga profissão religiosa. (Frei João d'Alcobaça, *Formula das antigas profissões.*)

E levantando-se para se ir prostrar, reverente e submissa, ante a superiora do mosteiro, pediu devotamente que lhe concedesse, por mercê de Deus, o habito que lhe estava preparado.

A superiora a despojou então da vestidura de gala, e lhe impôz o cordão de penitente.

Assim trocou a infanta as grandezas do mundo pelas grandezas do Céo, aonde só se chega pelo caminho da virtude.

A infanta, convertida em freira professa, entoou com as suas irmãs em Jesus Christo, o psalmo que começa: *In exitu Israel de Aegypto;* e dando graças a Deus, todas a acompanharam á cella que lhe estava ~~preparada~~. destinada

II

As tres virtudes theologaes

«Não ha mal que sempre dure, nem bem que não acabe, dizia o D. Prior no seu regresso a Santa Cruz aos mui reverendos seus confrades.

«Ella é uma santa creatura de Deus, eu sei o que ella é e tem sido, como seu confessor e confidente, e não digo mais porque nos é defeso o sigillo da confissão sacramental, em que ainda hontem a ouvi.

«Agora sim; agora é que o mosteirinho *das Cellas* vai ser um mosteiro real como o nosso é, e bastará a infanta para o fazer grande perante Deus; mas aquellas rendas, que ella queria deixar a Santa Cruz, talvez nos não devam pertencer!...»

«Não diga mais, D. Prior, porque vossa paternidade está entrado em tentação do anjo mau, atalhou um frade, dos mais auctorisados da companhia.

«Não vê vossa paternidade que está a faltar á caridade para com aquellas boas mulheres, que, mesmo antes da entrada da infanta no mosteiro, já gosavam entre os povos da boa fórma das virtudes theologaes, bem cumpridas, em honra de Deus e no amor do proximo?

«Não vê vossa paternidade que a ambição não deve entrar no peito d'aquelles cujo reino não é d'este mundo?

«Advirta vossa paternidade que aquellas religiosas ouviram a palavra de Deus, e já cumpriram os seus santos mandamentos.

«As virtudes da infanta não vão escurecer as virtudes d'aquellas piedosas encelladas; o que a infanta poderá fazer será realçar a virtude de todas ellas no exercicio das tres virtudes theologaes, especialmente no amor do proximo, dando de comer a quem tem fome, vestindo os nús, e dando pousada aos peregrinos, pelo accrescentamento de rendas que vai ter o mosteiro, a que tanto aquellas encelladas não podiam chegar e fazer, não por falta de vontade propria, mas por falta de meios temporaes que não tinham.

«E não pense vossa paternidade nas rendas que lhe parece fugirem de Santa Cruz, por ser peccado a cubiça ou desejo das cousas alheias; creia vossa paternidade que o que tiver de ser nosso a nós ha de vir segundo fôr da vontade de Deus, que tudo manda e governa pela melhor fórma e sciencia.

«O que devemos ambicionar é a salvação das almas e a graça de Deus. É o que penso que vossa paternidade quizera dizer.»

«Amen, respondeu o D. Prior, acceitando a correcção merecida e que attentamente escutou; e pedindo mentalmente a Deus perdão, e que o livrasse da tentação em que ia cahindo, continuou dizendo: que havia males que vinham para bem da creatura, como succedêra á infanta, que, açoutada pelas tempestades da vida humana, encontrou no mosteiro a santa paz do Senhor de companhia com as tres virtudes, que alli moravam unidas ás religiosas, e a que a infanta daria maior luzimento com sua magnanimidade, e que a ventura, oriunda do berço real, havia sido transitoria, e duradoura lhe seria essa que havia procurado no mosteiro como preparação para a vida além do tumulo na luz perpetua.»

Emquanto o D. Prior assim estivera praticando com os seus confrades, a madre Sancha, no recolhimento da sua cella em Vuimarães, dera graças a Deus por estar salva do mal naquella fortaleza da religião de Christo, a quem pedia se amerceiasse dos seus inimigos, e lhes perdoasse as suas dividas, como ella pedia perdão a Deus para as suas, e conheceu que Deus ás vezes tambem escrevia direito por linhas tortas — desbravando o caminho do mosteiro como remedio para a sua alma atribulada.

Aqui parou a madre Sancha em suas cogitações, para reflectir que na sua confissão preparatoria para a profissão religiosa havia esquecido alguma cousa que a inquietava, e de que, contrita, precisava do perdão do Céo por via do seu confessor, e com este proposito fallou á sua Superiora na vinda do D. Prior de Santa Cruz para resolver o seu escrupulo.

Era confessor d'estas religiosas Fr. Gil, do convento de Santo Antão (mais tarde de Santo Antonio dos Olivaes), e a Superiora não duvidou de que viesse o D. Prior, porque

o Senhor Bispo deixava sempre ás religiosas a escolha do seu director espiritual, e pelo que fôra chamado o D. Prior, que no dia seguinte ouviu a madre Sancha.

O que se passou entre ambos foi segredo inviolavel; mas foi certo que algum tempo depois El-Rei D. Affonso, o *Gordo*, concedera á piedosa Sancha permissão de dispôr á sua vontade dos bens da corôa e rendas que ella havia recebido em vida de seu pae, e o mosteiro de Santa Cruz foi contemplado com as—veigas alconças (talvez as terras alconças, ao rio Velho, de que falla Fr. João da Graça no seu livro—*Questões interminaveis*—1612).

Seria para remissão de peccados aquella doação?

Naquelles tempos entendia-se que os peccados se podiam remir por esmolas aos pobres, ou para remir captivos do poder dos infieis, e mais geralmente por deixas aos conventos para os padres suffragarem as almas dos peccadores, como diz Fr. João de Brito algures, de que agora me não lembro.

Segundo a antiga e constante tradição no mosteiro de Vuimarães, era Fr. Gil muito acceito das religiosas por sua vida e costumes exemplares, e pela sã doutrina que ensinava; e por isso era alli venerado e conhecido por Fr. S. Gil; e conta a historia que, precisando as freiras de abundancia de aguas vivas dentro do mosteiro, para as não irem buscar fóra d'elle, o Santinho batera no chão com o seu bordão, e lhes dissera:—«Aqui nascerão e nunca seccarão». E assim succedeu, porque nesse logar foram encontradas veias d'aguas abundantes, que ainda hoje correm da fonte do convento, sem que haja memoria de em tempo algum haver a fonte seccado; e para lembrança do milagre as freiras collocaram sobre a fonte o retrato do Santinho em painel que, por vezes reformado, alli se conservou até á extincção do mosteiro.

Era costume d'estas religiosas repartirem com os pobres a sua refeição principal de cada dia; e havendo então uma grande fome que affligia aquelles povos, succedeu em certo dia que accudiram ao mosteiro tantos famintos, que todo o comestivel que nelle havia não chegou para tanta gente. E a madre Sancha, de accordo com as suas companheiras, assentaram que nesse dia guardariam rigoroso jejum, dando aos pobres tudo quanto havia para comer, e permaneceriam

em constante oração; e foi caso milagroso que todos os famintos foram fartos, e nenhuma das freiras sentiu nesse dia a mais leve necessidade de alimento, pelo que diziam umas para as outras: não só de pão vive a creatura, mas tambem da graça de Deus.

Muitas outras maravilhas obrou Deus para com estas religiosas, como adeante se dirá, segundo as tradições do mosteiro. E não ha que duvidar d'esta crença de mulheres piedosas que ouviam a palavra de Deus, e admiravam os successos sobrenaturaes, que consideravam verdadeiros milagres, pois que no seu tempo não conheceram uma creatura humana como *Succi*, que por vezes tem vivido por quarenta e mais dias sem comer, o que é realmente outra maravilha da creação, subordinada ao poder do Creador a que se póde chamar milagre.

E tambem, para nosso intento, bastará reflectirmos nos amplos depositos da memoria na espantosa reproducção da reminiscencia, e nos atrevidos vôos do pensamento para reconhecermos a existencia que se exalta na sabedoria e grandeza do Creador, que tanto póde e dispõe dos seres creados na ordem da natureza.

A incredulidade é um terreno safaro, onde não prosperam as virtudes moraes nem sociaes, como disse um dos maiores oradores sagrados de Coimbra, o sabio dr. Rodrigues d'Azevedo, em um sermão a respeito da descrença religiosa; e se queres, leitor, um exemplo: olha para o incredulo que trepida nos paroxismos da morte pela incerteza do futuro, que lhe aniquila a coragem do philosophismo.

Se fores incredulo, benevolo leitor, d'esses milagres que chegaram até nós, de geração em geração por meio da tradição, ao menos deixa em paz as freiras do mosteiro na sua crença, arraigada no coração, de que esses milagres existiram para ellas, e que suas successoras apregoaram como palavras de verdade de umas ás outras até á ultima que nessa fé sempre viveu e morreu. Esta crença não molesta ninguem; e se é impostura, o julgamento é de Deus, e ellas já transpozeram os umbraes da eternidade.

Não está bem averiguado no escuro dos tempos volvidos, com a luz do acerto — o anno em que a infanta se acolheu ao seu mosteiro, e em que estas cousas alli suc-

cederam, e apenas por combinação de dados e de factos conhecidos se poderão conjecturar os desconhecidos.

Em 1219 fez a infanta a doação das suas azenhas de Alemquer ao mosteiro, não estando alli, e em 1226 era ella abbadessa no seu mosteiro, como attestou uma lapide embutida na parede do dormitorio do primitivo mosteiro, que dizia: «Esta casa foi accrescentada pela infanta: — abbadessa: — era 1226.», do que concluimos que a vinda da infanta para o mosteiro teve logar entre o anno de 1219 a 1226, a merecer algum conceito aquella escriptura lavrada em pedra já comida pelo tempo, quando muito depois se restaurou e accrescentou esse mesmo dormitorio, hoje conhecido pelo dormitorio velho, que existe em crescente estado de ruinas, como adeante se dirá.

III

A morte do justo

No correr veloz do tempo chegou o anno de 1229.

No mosteiro era costume das leigas serventuarias observar á meia noite do dia 31 de dezembro a sahida do anno velho e a entrada do anno novo — o que se passava na abobada celeste, e o que se via e ouvia na terra, — para formarem o seu vaticinio do anno novo, como qualquer borda d'agua hoje faz o juizo do anno.

Era uma superstição, como muitas outras d'aquelles tempos.

Um cometa que percorria o espaço com a sua longa caúda era signal de mau agouro, de peste, fome, ou guerra com os moiros da fronteira.

O piar de um mocho ou o esvoaçar de um notibó ou de uma coruja com seus guinchos sinistros áquella hora fatal, era prenuncio de alguma desgraça naquella casa ou na de algum visinho.

Finalmente, mil e uma coisas na sua ordem natural, tinham entre aquella gente uma significação symbolica de ventura ou desventura no anno que ia começar.

O ponto culminante de observação na mechanica celeste era precisamente quando a constellação, vulgarmente chamada—do cajado do pastor, chegava ao zenit, em pino, com a outra constellação—das sete estrellas.

Era esse o ponto de observação, tomado para o vaticinio—pelo que então se via no Céo e na Terra.

Naquella noite de 31 de dezembro de 1228 para o dia 1 de janeiro de 1229 as leigas do mosteiro achavam-se ás janellas das suas cellas, que lhes serviam de observatorio astronomico, esperando pela hora fatal, que alfim chegou, quando um mocho deu um piado lastimoso sobre o telhado do mosteiro, ao mesmo tempo que um notibó e uma coruja esvoaçaram proximo das janellas das observadoras largando guinchos medonhos, e o Céo se encobriu de nuvens sombrias.

As leigas deram por acabada a observação, e transidas de susto se recolheram aos catres da dormida, mais mortas do que vivas pelo que viram e ouviram.

No dia seguinte vaticinaram que o anno novo não podia ser propicio ao mosteiro com taes prenuncios; e como assombradas por taes previsões, percorriam o mosteiro, dando esta terrivel noticia ás religiosas, que as pretenderam aquietar d'aquellas temerosas preoccupações, fazendo-lhes conhecer que essas vozes eram as proprias d'aquellas aves nocturnas e as nuvens uma cousa natural.

Passaram os mezes de janeiro e fevereiro d'aquelle anno sem novidade alguma no mosteiro; mas chegou o mez de março, e a madre Sancha enfermou e de tal maneira que teve de recolher-se á cama e abster-se de ir assistir ás obrigações do côro e á repartição diaria do caldo aos pobres, a que nunca faltara ainda mesmo doente noutras occasiões.

A doença cresceu, e a madre pediu os soccorros espirituaes da religião, e disse em tom dogmatico—que os seus dias estavam contados, como lhe affiançava o seu intimo convencimento, que só sabia explicar na crença de suas rogações á Virgem Mãe de Deus, na invocação das dores, de que a inspirasse algum tempo antes do seu passamento.

Preparada para a morte, e com a paz dos justos, se despediu de suas companheiras—religiosas e leigas que a rodeavam, e a todas pediu perdão de algum aggravo inten-

cional com que as houvesse molestado, e tomando um crucifixo, resou suas devotas orações.

Seguiu-se a febre ardente com delirio, e ainda a madre Sancha balbuciava palavras intercaladas de soluços, em que pedia a Deus perdão; depois cahiu no estado comatoso, perdendo a vida de relação, e então a morte que sobre ella pairava com o fervente estertor ia pouco a pouco apagando com a asphixia aquelles espiritos vitaes em seus ultimos alentos, a que a vida, se viver era este, estava ainda presa por uma linha tenue. Alfim a morte subjugou a natureza, e a madre Sancha cahiu na eternidade, e a sua alma voou para Deus. Era o dia 13 de março de 1229.

Foi indescriptivel a magua das religiosas e do D. Prior de Santa Cruz, que assistiram aos ultimos momentos de Sancha; e todas de joelhos ante o leito mortuario imploravam a misericordia divina para a finada, quando o D. Prior, levantando-se, disse como inspirado: — «Não lastimemos a alma do justo, que está no Céo gosando a presença de Deus»; e olhando todas para o cadaver de Sancha, viram a sua cabeça cercada de uma aureola resplendecente, e que o seu rosto conservava a mesma expressão que tivera na vida, sem que a morte a tivesse alterado, e exclamaram:— «Morreu na graça de Deus».

Ás angustias que as opprimiam seguiu-se a consolação, e todas disseram:—«Assim é a morte do justo, que Deus premeia no Céo e dá testemunho na terra».

Acabou esse dia tormentoso e tambem de gloria, e as trevas da noite á Terra desceram, e no Céo se accendeu um facho luminoso, de brilho extraordinario, projectando seus raios de luz perpendicular sobre o mosteiro de Vuimarães.

Era a contra-prova, que o poder omnipotente de Deus dava ao mosteiro, de que a bemaventurada Sancha, cujos restos mortaes ainda alli jaziam, estava no Céo.

A leigas do mosteiro recordavam então o seu vaticinio, pelo que viram no Céo e ouviram na Terra em sua observação, e mais seguras ficaram na crença da revelação que Deus concede á humana gente, servindo-se de cousas naturaes para fallar ao coração dos que ouvem a Sua santa palavra.

Não estranheis, leitores, a crença ou superstição das

leigas, porque vós outros tambem duvidais jantar á mesma mesa com treze commensaes, e fazer jornadas ás terças e sextas feiras da semana, com a lembrança da morte ou de algum desastre naquelles dias aziagos.

Correram os seculos, e o testimunho da santidade da vida e morte de Sancha ficou impresso na memoria de todos, e permaneceu immutavel na tradição de geração a geração, até que o Santo Padre Clemente XI, que presidia á Egreja de Christo, inspirado por Deus e com as luzes do processo e ritual, a beatificou aos 12 de setembro de 1704, lhe concedeu termo de reza e missa para o bispado de Coimbra e religião cirtersiense a 14 de setembro de 1709, e extendeu a mesma graça a todo o reino e seus dominios em 11 de fevereiro 1713. (Bayam, *Portugal Glorioso.)*

A beata Sancha era filha d'El-Rei D. Sancho I de Portugal e de sua mulher a rainha D. Dulce; nasceu em Coimbra no anno de 1176 da era christã (data reduzida da era de Cezar, por que se contava o tempo até D. João I).

Era o dia 15 de março de 1229, e á portaria do mosteiro havia grande ajuntamento de povo, e lá dentro se ouviam gemidos e prantos.

Era o sahimento dos restos mortaes da Santa que iam seguir caminho de Lorvão.

As lagrimas são a linguagem muda da dôr; e as religiosas de Vuimarães não as poderam conter abundantes no apartamento do involucro mortal d'aquella alma, que o havia deixado para subir á presença de Deus.

Quizeram, mas não poderam, guardar no mosteiro aquella reliquia adorada, em que ainda lhes parecia vêr o brilho suave e intenso das suas virtudes; mas estava escripto no livro do destino das cousas do mundo que esta sagrada reliquia havia de pertencer ao mosteiro de Lorvão, para onde a madre Thereza, abbadessa d'aquelle mosteiro, irmã da defuncta, a reclamava.

Era mister respeitar o amor fraternal, e ser grato á magnanima Thereza, que ia tomar debaixo da sua protecção o mosteiro, e augmental-o em rendas, edificios e numero de religiosas, como promettera a sua irmã, que o fundara e dotara com os seus bens.

As religiosas, quaes filhas desoladas na orphandade, offereceram a Deus mais este sacrificio do seu amor por

aquella que iam deixar com lagrimas de saudade e de grata recordação, e os sinos da torre do mosteiro dobravam a finados.

As religiosas á portaria, e o povo no atrio do mosteiro, de joelhos á passagem do feretro, prestavam homenagem á finada e levantavam uma prece ao Altissimo ao som lugubre dos signaes que os chamavam á oração, e o D. Prior de Santa Cruz, que acompanhava o feretro, marejando-lhe as lagrimas nos olhos e entre soluços ia resando os seus responsos.

Assim tudo acabou, e as religiosas e leigas do mosteiro se encerravam devotamente em orações na propria cella da Santa, que, armada de roxo (côr do luto naquelle tempo), converteram em capella; onde, como ellas diziam, iam conversar com a madre Sancha, e segundo a antiga tradição esta cella era no logar onde hoje se vê a casa chamada das Almas.

Jaz no mosteiro de Lorvão, jnnto de sua irmã Thereza, abbadessa do mosteiro, que foi rainha de Leão.

IV

A revelação

Passaram as primeiras impressões da morte e sahimento de Sancha, e chegou ás religiosas a reflexão com o balsamo suave da resignação.

Era necessario escolher a superiora do mosteiro, mas nenhuma das religiosas se sentia digna de substituir a finada.

A abbadessa do mosteiro de Lorvão, respeitando os escrupulos das religiosas, insinuava-lhes que elegessem a superiora que governava o mosteiro quando sua irmã tomara o habito, mas esta objectava que só por obediencia ao senhor Bispo acceitaria a eleição.

Veio o Bispo ao mosteiro a instancias da abbadessa de Lorvão, para resolver duvidas e embaraços.

Ouviu-as attentamente, e como bom pastor fallou-lhe na revelação, que é a tocha resplendecente que illumina

os nossos caminhos e guia os nossos passos; e disse-lhes que a razão natural provava a existencia de Deus, e elevava o nosso pensamento até Elle: aqui estava não só a sua grandeza, mas tambem o seu eterno limite.

Para o transpôr era necessario que uma luz sobrenatural as allumiasse, e que um raio de sabedoria divina as dirigisse.

Que a philosophia provava a existencia de Deus, mas que o não conhecia, e exclamou: — «Ella levanta a alma acima do mundo dos sentidos e a conduz até á raia do mundo invisivel, mas não passa d'ahi; d'ahi para deante a religião a toma em seus braços, e a revelação lhe dá as azas com que se eleva até ao Sanctuario do Altissimo.

«Aconselho-vos, senhoras, a que façais oração pedindo a inspiração para elegerdes a superiora, que pelos Sagrados Canones da Egreja é necessaria, depois ouvireis a voz da vossa consciencia, na intima convicção de que por este processo a eleita será da vontade de Deus, e approvada na Terra, porque vem da revelação, e assim acabarão os vossos escrupulos.»

Fez-se a eleição, e foi proclamada abbadessa a antiga superiora do mosteiro, muito a contento do senhor Bispo e da abbadessa do convento de Lorvão, que assim o desejava. E esta cumpriu a sua promessa, tomando o mosteiro de Vuimarães sob a sua protecção, dotou-o com mais rendas e numero de religiosas, e o accrescentou com novas edificações.

Parecia que a madre Sancha, a Santa assim chamada, interferia lá do Céo na perpetuação do seu mosteiro para honra de Deus e proveito das religiosas.

Viu-se quanto podia e valia a virtude, e os deveres religiosos bem cumpridos.

V

A capella das visões

A pequena distancia do mosteiro, mas dentro do seu cercado, havia uma capella da invocação do Espirito Santo, que a madre Sancha mandou fazer quando accrescentou o mosteiro, sendo nelle abbadessa.

Era alli que ella costumava ir de manhã e á noite, depois das Ave Marias, fazer as suas particulares orações.

Depois da sua morte a nova abbadessa do mosteiro guardou em tudo os usos e costumes de Sancha, e ia ás mesmas horas fazer oração a esta capella.

Em certa occasião foi extranhada a demora da abbadessa em sua oração, e procurando-a as freiras não a encontraram alli, mas viram em sombra na capella a madre Sancha prostrada em oração, e desapparecendo logo ás suas vistas ficaram como assombradas do successo.

A esse tempo já a abbadessa se achava na cella, que fôra de Sancha, e esta lhe appareceu tambem em sombra e desappareceu rapidamente.

Esta apparição foi memorada no mosteiro como milagre; porém algumas leigas, vindas para o mosteiro depois da morte de Sancha, duvidaram muito d'este successo, e contestavam a sua realidade, attribuindo-o a erro dos sentidos, ou a que essa visão só teria logar em sonho vigil, como succedeu a S. José, que em sonho ouviu o anjo do Senhor que o avisava de que fugisse com Maria e Jesus, seu filho, para o Egypto para escapar á perseguição de Herodes, pois que os mortos não voltam a este mundo.

As freiras perdoavam a estas leigas a sua incredulidade e o embuste que lhes attribuiam; mas as antigas leigas, que viram tantas maravilhas com a morte de Sancha, não perdoavam e discutiam o milagre negado, e afinal as contumazes e relapsas afirmavam que só acreditariam no milagre, se ellas vissem a sombra da defuncta, sem o que só acreditavam na illusão, da mesma maneira que S. Thomé só acreditou na resurreição de Christo, Senhor Nosso, quando lhe appareceu e elle metteu o dedo nas chagas do Salvador.

Diziam as antigas leigas: «Deixemos estas nescias na sua cegueira, porque não conhecem o poder de Deus Omnipotente, nem ouviram ainda a sua santa palavra. O Espirito Santo as alumie em sua intelligencia e vontade de servirem a Deus.»

Não passou muito tempo que as leigas incredulas sentissem certos impulsos de devoção que não tinham, e que algumas das mais refractarias á crença de milagres não vissem á noite no seu recolhimento, no dormitorio — uma

ave em fórma de morcego com garras e de féra catadura, e por tres noites consecutivas todas ellas viram em sonhos na capella do Espirito Santo a figura de uma freira com sorriso de bondade ineffavel, olhando para ellas e apontando-lhes com a mão para o Céo.

Estava vencida a sua incredulidade, mesmo sem verem acordadas a imagem de Sancha.

A incredulidade e a fé formam a noite e o dia do mundo moral; uma rouba, outra desenrola a vista do Céo ao pensamento, e este é como a flôr, cuja belleza e perfume se conhece melhor quando está isolada.

E ellas disseram então que a ave que viram acordadas no dormitorio seria a feia figura da sua incredulidade no infinito poder de Deus manifestado ás creaturas racionaes, e que o sonho consecutivo das tres noites seria a imagem da verdade annunciada pelas freiras, que Deus em sonhos lhes fizera vêr para abrir os olhos á sua cegueira, como José do Egypto os abriu, por inspiração divina, a Pharaó na explicação do sonho, que este tivera, das sete vaccas gordas e das outras sete vaccas magras, que representavam sete annos de abundancia e sete annos de esterilidade, que haviam de affligir aquelle povo, o que deu a José o dom de prophecia e o influxo do poder de que gosou.

As leigas, contritas e arrependidas, agradeceram em oração a Deus esta revelação, e deram testimunho de verdade annunciada na tradição.

Amaveis leitores, — a imaginação é um dos mais ricos dons que nós podiamos receber da natureza. Á ella deve o artista as suas obras mais primorosas, o orador os seus mais patheticos movimentos, e o poeta as suas melhores inspirações, mas é necessario estar sempre em guarda contra os seus excessos e contra os seus desvios, que pódem perverter o entendimento.

O milagre ficou assentado no mosteiro com a tradição que chegou a nossos dias.

Não diz a historia nem as lendas do mosteiro o nome da madre abbadessa que governava a casa religiosa nesse tempo, mas presume-se ter sido a madre Servola, que accrescentou o mosteiro em edificios e melhores accommodações, e lhe deu o crescido numero de religiosas alli recolhidas, a expensas da madre abbadessa de Lorvão, e

com bens patrimoniaes seus, como refere a chronica de Cistér.

Pelo escuro dos tempos, ou porque não houvesse cousa notavel a contar, não encontramos outras noticias até ao anno de 1315, a não ser sobre a reedificação da egreja do mosteiro e sua sagração, de que fallaremos mais adeante.

A capella do Espirito Santo era ou será a mesma que ainda hoje se vê levantada com a invocação de S. Bento e S. Bernardo, que ficava ao topo da enfermaria do mosteiro?

Na tradição das memorias do mosteiro assignala-se este logar como o da devoção da beata Sancha.

Esta capella faz parte do lote do mosteiro, concedido á junta geral do districto de Coimbra para alli estabelecer um instituto de caridade ou beneficencia publica districtal, e consta-nos que vai ser arrasada para dar logar a uma avenida que da estrada das Sete Fontes dê entrada para o novo edificio de beneficencia districtal.

VI

O cemiterio do mosteiro

Não esqueceu procurarmos no campo do repouso dos mortos as noticias que a obscuridade dos tempos tivesse apagado da memoria dos homens; mas, percorrendo o côro da egreja, a casa do capitulo e do ante-capitulo, o claustro e o largo da cerquinha, que serviram de cemiterio do mosteiro, encontrámos alli muitos monumentos epigraphicos sepulcraes, das piedosas filhas de Sancha naquella povoação — *urbis in urbe*, mas nenhum anterior ao anno de 1596, salva a data de 1091, esculpida em uma pequena lage no claustro com quasi toda a legenda apagada pelo perpassar dos pés que a gastaram, parecendo que fazia parte de alguma lapide commemorativa de qualquer successo, mas em todo o caso memora uma data de mui remota antiguidade.

Consta-nos, porém, que na casa do capitulo existiu em tempo uma lapide com o epitaphio da abbadessa D. Thereza

Raymunda, fallecida em 1315, que se suppõe ser filha do famoso Raymão Viegas Portocarreiro.

A esta abbadessa succedeu D. Maria Fernandes, eleita no anno de 1330, pessoa de abalisada virtude, em que o desprezo de si mesma foi tão abatido, que lhe parecia ser obrigada a aniquilar-se ao mais profundo da humildade; e conta d'ella o padre Antonio Caetano de Sousa, por tradição do mosteiro, que por um prelado diocesano lhe louvar as mãos de bem feitas, ella as cortara logo, e recolhendo-se á cella afflicta lhe foram restituidas por intercessão de Nossa Senhora; mas não disse o padre como a abbadessa podesse cortar a si mesma as mãos ambas (*Agiol. Lusit.*, tom. 4.º, pag. 517).

Parece que por esses tempos se fizeram tambem obras de accrescentamento no mosteiro, porque no anno de 1340 dava o procurador das religiosas conta de obras feitas a expensas da casa, e das esmolas para ellas recebidas dos fieis, e dos caseiros do *burgo*. Ao que parece já então havia uma pequena povoação á sombra do mosteiro, e por ventura de serventuarias externas d'elle.

D'esta data em deante correu o tempo sem mais memorias, que nos conste, até á eleição da abbadessa D. Leonor de Vasconcellos, filha dos condes de Penella.

—Ao leitor curioso:

Houve um tempo em que muito se tratava da salvação das almas, e os mosteiros e conventos se encheram de gente religiosa, que alli se acolhia para redimir peccados, e de preparação para a jornada que todos temos de fazer pelo caminho da eternidade.

Os frades prégavam ao povo a penitencia, e figuravam o inferno em fornalha ardente, e as almas, espiritos incorporeos, em figura de gente viva atormentada pelo Diabo, rodeado de cobras medonhas vomitando linguas de fogo sobre as almas condemnadas, e que no ranger dos dentes explicavam as dôres intensas que soffriam, sem esperança na misericordia de Deus, que pelo seu poder assim as mandava pôr a tormentos eternos.

Toda a creatura temia e tremia d'esta condemnação, e julgava que só nas casas religiosas poderia estar ao abrigo das tentações dos inimigos d'alma, e que só alli poderia regenerar-se da vida desregrada, e pela penitencia pur-

gar-se das maculas do peccado, e apagal-o pelo arrependimento e pratica das virtudes.

As mulheres deixavam os maridos, as mães os filhos. e estes os paes, e todos caminhavam devotamente para a clausura como reducto de salvação.

E quando já não havia logares nos mosteiros e conventos, associavam-se e convertiam as suas pousadas em casas religiosas, sem instituto de ordem monastica, nem licença ou assentimento do prelado diocesano, e d'estes ajuntamentos houve alguns em que promiscuamente se associaram homens e mulheres.

Neste estado de cousas foi mister a intervenção dos bispos, de accordo com o poder temporal, para obviar aos males que podiam advir á religião e ao estado, e oppôr contra essa corrente de ideias exaggeradas do seculo uma providencia necessaria, mas suave, e desvanecer escrupulos de consciencia no sentido do mesmo objectivo que levava o povo aos claustros.

Os bispos e o estado deram-se as mãos, e a salutar providencia aquietou o povo que viu nella o mesmo fim religioso e moral; porque conheceu na creação e estabelecimento das confrarias, irmandades e misericordias, um instituto secular, que não perturbava as familias no seu labor ordinario, e nem affectava as relações da sociedade civil, e por este meio se suppria bem, com os deveres moraes e sociaes bem cumpridos, aquelle caminho recto com que em suas ideias religiosas se dirigiam os claustros.

Quem mais perdeu foram os conventos e mosteiros, porque lhes diminuiram as deixas e suffragios pelos defunctos, sendo tambem contemplados aquelles novos institutos.

No pateo do mosteiro de Cellas se erigiu a irmandade de Nossa Senhora da Piedade, onde se edificou uma capella, que ainda hoje existe, pertencendo ao mosteiro um estipendio por covato de enterramento.

VII

As reformas do mosteiro

A aristocracia hereditaria conservou por longo tempo o exclusivo de uma educação illustrada, e com elle o seu predominio; mas a imprensa derramou as suas luzes por todas as classes sociaes, e aniquilando este privilegio, firmou a preeminencia da aristocracia natural — a da virtude e do talento.

A abbadessa D. Leonor de Vasconcellos nasceu debaixo dos tectos doirados do palacio da nobreza de seus primogenitores, e possuia a illustração propria da sua classe e por fortuna acompanhada d'essa aristocracia natural — da virtude e do talento.

Tinha um espirito culto e ao mesmo tempo possuia a bondade do coração, encaminhada naturalmente para a religião; ou, para melhor dizer, tinha vocação para a vida monastica.

O mosteiro de Cellas era um dos mais fidalgos d'aquelles tempos, e nelle deu entrada como religiosa esta nobre dama. Exaltando-se na humildade e na caridade, e sobre tudo no temor de Deus e no Seu amor, abraçou a vida monastica d'alma e coração.

Acompanhava-a toda a *perfeição evangelica:—Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te: quid ergo erit nobis?* Matheus, XIX, 27.—Estas clausulas—*deixou e seguiu,* são o corpo e a alma da *Santidade,* como os dois polos da virtude, as duas partes de que se compõe aquella *perfeição.*

A madre professa possuia-a por educação religiosa que havia recebido de seus paes—os nobres condes de Penella, que respeitaram na filha a sua natural vocação.

O tempo corria avesso á pureza de costumes nos mosteiros e conventos, porque o fervor da salvação das almas tinha passado da moda dos tempos anteriores, e havia abusos condemnaveis nas profissões religiosas, a que se admittiam pessoas sem vocação para a vida monastica, e muitas vezes levadas ao claustro por conveniencias particulares de familia, ou como se aquelle instituto fosse simplesmente um officio ou modo de vida; e quantas vezes com

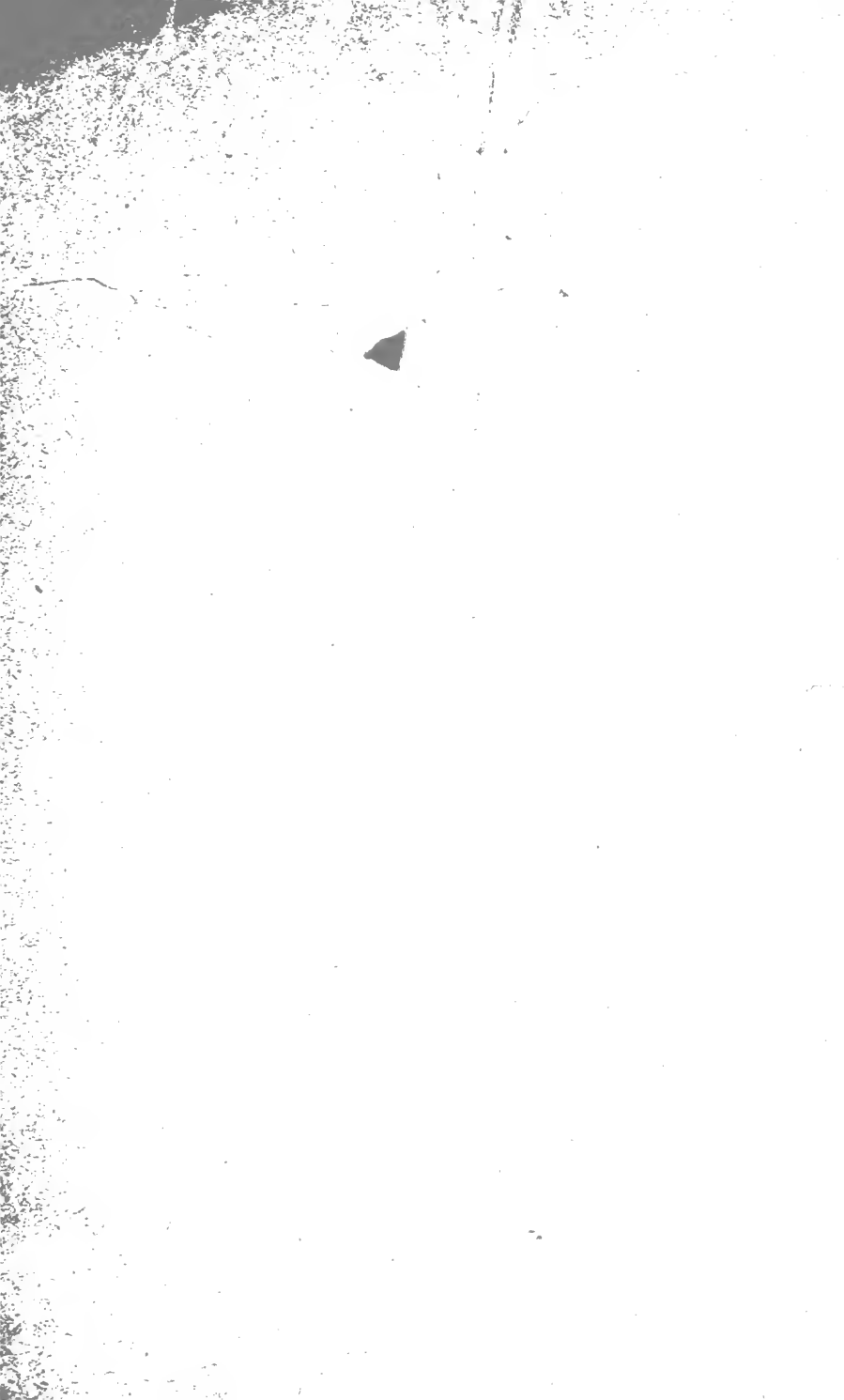
Ill.mo e Ex.mo Sr.

Conselheiro Antonio José da [illegible],

Exc.mo Sr. Conselheiro do Supremo Tribunal,

de Justiça

Rua das Janellas Verdes —

Lisboa.

o proprio sacrificio das professas, que sem a necessaria vontade propria eram para alli empurradas ou alojadas como um fardo importuno pelos proprios paes, para assim enriquecerem um filho mais estimado com os bens do patrimonio de todos!

Quantas professas foram alli levadas por um amor mal correspondido, ou para obstar a um casamento de menos agrado da familia!

E quantos encheram os mosteiros e conventos, que para lá foram—com o unico intuito de—ter alli de vestir—comer—cantar e conversar, sem ter cousa que lhes désse cuidado; emfim para ser uma religiosa de muito boa vida, não porque a faz, mas por que a leva alli descuidosa!

A clausura em algumas casas religiosas tinha tambem regalias de sahidas, a titulo de visita á familia enferma ou para alguma obra de caridade; costume pouco saudavel á mocidade recolhida no claustro, e sujeita ainda ás tentações dos tres inimigos da alma.

Ao leitor que desejar melhor instrucção lembramos a leitura do sermão sobre a vocação para a vida religiosa do grande padre Antonio Vieira—no tomo 2.º dos seus *Sermões*, o que se diz do estado de desregramento da vida monastica em alguns conventos, contado pelo padre Antonio de Macedo, e o que está escripto no livro intitulado—*As freirinhas de Odivellas* na ordem de S. Bernardo.

A mui religiosa Leonor de Vasconcellos entendia que para a profissão era um dos elementos essenciaes—a vocação, e reprovava a sahida das religiosas do mosteiro, salvo o caso de tratamento de enfermidades que no mosteiro não podesse ser applicado, e assim mesmo com assentimento da abbadessa e licença do bispo.

Eleita abbadessa, tratou das reformas indispensaveis ao bom regimen da sua casa religiosa, e tomou logo por *divisa* a corôa de espinhos do *Salvador*—com a legenda: *Dominus meus decoravit me.*

Bem conheceu ella o espinhoso encargo que tomava; mas como mulher forte na sua crença e fiel no cumprimento das obrigações que contrahira para com Deus e para com o seu superior canonico, caminhou desassombrada nas reformas.

Sabia que da pureza dos costumes individuaes nascia

a tranquillidade na consciencia das suas subordinadas e da sua propria, e com passo firme e mão segura a vamos vêr ampliar os requisitos da profissão naquella casa, e banir a sahida da clausura.

A freira professa morreu para o mundo: a sua familia são as religiosas, suas companheiras na oração, dizia-lhe a voz da consciencia.

Nesta synthese se comprehendia tudo, e para signal d'esta morte moral inscreveu no regimento da profissão o dobre obrigatorio dos sinos do mosteiro a finados em quanto durasse a profissão; era o signal convencional de que a professa havia morrido para o mundo; mas, feita a profissão, os mesmos sinos repicavam alegremente, em signal de que a neophita havia renascido para Deus—e com a legenda escripta na porta da sua cella: — morreu para o mundo.

Como preparação para a profissão religiosa inscreveu no regimento da casa das neophitas o noviciado por tempo de um anno, com obrigações rigorosas impostas á mestra das noviças para lhes estudar as suas inclinações, e d'ellas investigar se vinham para a religião de espontanea vontade, ou se eram induzidas por alguem á profissão, com tudo o mais que podesse servir de impedimento canonico a ella.

Inscreveu no regimento, que a mestra das noviças, findo o anno do noviciado, informaria a abbadessa do estado moral e religioso das noviças, e se eram ou não dignas da profissão, e que em caso affirmativo—seriam convidadas a uma confissão geral e sacramental feita ao capellão do mosteiro, e depois á confissão especial á abbadessa — se por livre e espontanea vontade abraçavam a vida religiosa de aquella ordem.

Inscreveu mais no regimento que só depois de satisfeitas todas as formalidades poderia haver logar a profissão religiosa das noviças que se achassem em pureza de estado e no caso de devotamente receberem o habito e o cordão da ordem.

Presidia então á egreja de Christo, na diocese de Coimbra, o grande e illustrado Bispo D. Affonso de Castello Branco.

A mulher virtuosa e instruida captiva o sabio, que por

ella concebe um amor philosophico. Assim succedeu ao Bispo de Coimbra com a madre abbadessa de Cellas.

O regimento da casa religiosa foi approvado pelo Bispo.

A casa do noviciado foi logo construida, e os sinos destinados aos toques da profissão foram fundidos com os sons plangentes ao dobrar e alegres ao repicar, e baptizados com os nomes de ~~S. Raphael e de S. Gabriel~~. Gabriel e Baptista.

Foi tambem edificada a enfermaria do mosteiro, e para mais prompto soccorro das enfermas se estabeleceu uma botica, de que foi a primeira boticaria—a madre Maria Clara, filha de um boticario de Coimbra, com quem apprendera pharmacia e na sua botica ajudara a manipular os remedios.

Inscreveu tambem no regimento que de futuro na botica do mosteiro houvesse sempre duas madres praticantes de pharmacia, com isenção de pagamento do *piso* que se costumava receber para o mosteiro em razão da profissão religiosa.

Finalmente inscreveu alli tambem outras mais regras disciplinares, necessarias para o bom governo da casa.

E o noviciado produziu os bons fructos que a sua instituidora antevira.

Supprimido o mosteiro pela morte da ultima freira, aquelles sinos foram levados para a torre da egreja de Santo Antonio dos Olivaes, onde se acham.

VIII

As obras do mosteiro

As madres do mosteiro viam na sua abbadessa um espirito lucido e um coração aberto a tudo que fosse do esplendor da religião, em seus actos externos de manifestação de virtudes moraes e sociaes bem cumpridas.

Louvavam a abbadessa em todas as suas resoluções, tomadas em capitulo sob campa tangida.

Era alli que ella, reunida a suas irmãs em Jesus Christo, apresentava como em encyclica as sãs doutrinas religiosas que professava, ensinando-as a bem viver para saberem bem

morrer na graça de Deus, e por isso as discretas leigas do mosteiro lhe chamavam a madre prégadora, que melhor ensinava e instruia com as suas palavras de bom conselho e exemplo de vida, do que o padre capellão e prégador do mosteiro — Fr. André da Purificação, que ellas julgavam menos puro na sua vida e costumes, e pelo que as leigas com espirito e graça o convidavam a ouvir a predica da madre abbadessa, para d'ella tirar lição para os seus sermões.

Assim ia correndo o tempo nessas praticas instructivas, em que a abbadessa era mui sabedora e eminente, e sem vaidade que exigisse applausos, nem modestia que os consentisse, mas com a virtude que os desprezava.

Chegou o tempo de olhar para a parte material do edificio do arruinado mosteiro.

O inverno do anno de 1506 havia sido mui rigoroso e abundante de chuvas e tempestades, de ventos furiosos e arrebatadores.

A egreja, já antiquissima, fôra abalada nos seus fundamentos e ameaçava ruina e desabamento; o velho dormitorio, fendidas as paredes em partes diversas, dava justo receio de habitação segura ás religiosas e serventuarias; e para cumulo de tantos perigos imminentes, — o estado financeiro do mosteiro não era prospero para o dispendio de tantas obras.

A madre abbadessa andava triste e preoccupada com estas cousas; e no cartorio do mosteiro gastava todo o tempo disponivel a vêr e a revêr o estado de finanças, e a pensar no modo de crear receita para essas despezas necessarias.

Lembrou-se de fazer um appello para o Bispo D. Affonso de Castello Branco, homem de coração magnanimo, generoso e até mesmo prodigo em dispendios com as casas religiosas, que erigiu á custa das rendas da mitra, com que tanto illustrou o seu bispado.

Lembrou-se de recorrer á bolsa de seus paes, que eram mui devotos da religião, e a El-Rei, de quem esperava tambem amparo e protecção para o mosteiro real, levantado pela piedade da infanta Santa.

Com estas lembranças consultou o Bispo e seus paes, e fez a petição a El-Rei, a quem implorou a esmola necessaria para as obras do mosteiro.

A purpura da realeza uniu se ao burel da abbadessa, o baculo do bispo se inclinou para ella, e o pae carinhoso abençoou a lembrança da filha.

Estavam vencidas as difficuldades para a reparação e conservação do mosteiro.

A abbadessa, com toda a communidade, radiante da alegria que lhes ia na alma, deram devotamente graças a Deus por estas dadivas que lhes vinham do Céo, e rogavam a Sancha que lá na mansão dos justos as não desamparasse no augmento e prosperidade do seu mosteiro.

O Creador impoz ao homem a lei do trabalho.

Agora vamos vêr a nobilissima abbadessa, com animo varonil, a providenciar ás obras do mosteiro, e a dispôr prudentemente sobre a reclusão e incommunicabilidade dos obreiros com a gente do mosteiro, como caminho ao recato das religiosas e á necessidade das obras.

A antiga egreja do mosteiro, sagrada pelo Bispo D. Americo, a 13 de junho de 1293 (segundo conta George Cardoso) era construcção ligeira e de pequeno espaço, e achava-se abalada e muito arruinada pelos temporaes do ultimo inverno, e por isso mandou a abbadessa construir a nova egreja junto á antiga, que hoje lhe serve de casa de entrada, e ainda conserva o nome—da egreja velha.

Era curioso vêr a madre abbadessa na faina d'esta fabrica. Vigilante e activa, não descoroçoava neste lavor, e a egreja foi levantada com toda a solidez para resistir potente á acção dos seculos, elegante e bem talhada em fórma de rotunda, com seu zimborio sustentado por arcadas de pedra bem traçadas e cinzeladas com seus florões nos feixos.

O côro da egreja foi obra do nobre Bispo D. Affonso de Castello Branco, que em tudo quanto legou á posteridade mostrou a grandeza e munificencia do seu espirito religioso, e o côro se ergueu em fabrica segura e resistente á acção do tempo com espaço para cento oitenta e quatro religiosas, em fórma majestosa, com as competentes cathedras monacaes de excellente madeira de carvalho, tudo a expensas suas, para o que se não poupou a despesas.

Ainda não contente com esta obra dispendiosa, mandou construir do seu bolsinho outra mais custosa e grandiosa — o vasto edificio do dormitorio de invocação de Santa

Clara, mais conhecido pelo do Bispo fundador, com quarenta e duas cellas de cada lado e corredor ao centro, com duas capellas nelle, para as devoções particulares das religiosas, — uma sob a invocação da Senhora da Lapa ao principio do dormitorio, e outra da Senhora da Conceição a meio d'elle do lado esquerdo do comprido corredor central.

Esta parte do edificio é a mais imponente, e mais bem conservada que nelle existe de accommodação, e foi levantada em pavimento superior ao mais seguro do edificio na sua projecção occidental.

Só esta fabrica, com a solidez com que foi feita, bastaria para tornar immorredoiro o nome do fundador.

O dormitorio do mosteiro em ruina foi tambem nessa occasião renovado com os concertos e reparações que lhe fizeram, e desde então ficou sendo conhecido por dormitorio velho, por que ainda é conhecido, para differença do dormitorio novo do Bispo.

A sala do capitulo, junto da nova egreja, tambem foi restaurada com a sua bella e vistosa abobada de pedra lavrada e paineis, e toda rodeada de assentos de boa madeira, com seu altar ao topo e sobre um pedestal a imagem da Virgem em pedra, obra antiga e de boa esculptura.

Era nesta sala de pavimento terreo que sepultavam desde tempos muito antigos as priorezas do mosteiro, assim como no côro da egreja as suas abbadessas.

Não logrou a madre abbadessa vêr acabadas as obras do mosteiro que emprehendera com tanto empenho, porque a morte a veio surprehender antes do seu acabamento.

O portal da egreja nova, que dá entrada pelo pateo do mosteiro, foi obra acabada depois da sua morte.

É um portico de boa traça e rico de ornatos em que o cinzel se aprimorou.

Encimadas no topo pela corôa de espinhos, como divisa da abbadessa D. Leonor de Vasconcellos, ficam sobrepostas as armas reaes de Portugal e de Leão, porque d'este segundo D. Thereza, irmã da infanta Santa, foi rainha, e nas duas bases lateraes das columnas oitavadas do portico foi gravada nas pedras a legenda do lado esquerdo: — *Et erit in pace;* e a do lado direito:—*Memoria ejus 1530.*

IX

A conclusão das obras

As obras do mosteiro continuaram no mesmo plano por que a extincta prelada as havia traçado.

No pavimento inferior á botica se fez o refeitorio, ornado com um magnifico retabulo de pedra lavrada, representando em relevo o baptismo de Christo e a degollação de S. João Baptista, esculptura aprimorada que hoje existe no museu municipal de Coimbra.

Nos baixos da casa das almas e annexas se fizeram as tres capellinhas do Senhor morto, da Senhora da Conceição, e do Senhor preso á columna, para a devoção das religiosas, obra singela e de poucos ornatos decorativos, de que apenas resta em bom estado de conservação a capellinha da Senhora da Conceição.

X

O claustro do mosteiro

Passamos á parte mais antiga do edificio que ainda existe.

Da primitiva fabrica, levantada pela piedosa infanta Sancha para habitação das encelladas de Vuimarães, nada resta, nem um só vestigio, além da tradição constante de que fôra alli no claustro que assentou essa pequena casa religiosa, e de que a cella onde viveu e morreu a gloriosa Sancha fôra no sitio que hoje occupa a casa das Almas.

Para melhor orientação do leitor vamos descrever miudamente o venerando claustro do mosteiro.

O seu quadrilatero no pavimento terreo é formado por um corredor lageado em volta e correspondendo ás quatro varandas superiores, sustentadas por arcadas lateraes, formando ao centro o jardim ou horto das flores, a que as antigas freiras chamavam—o jericó, e no centro d'este, em

figura circular, existe sob o pavimento mais baixo um pequeno tanque de pedra, alimentado pelas aguas da fonte do mosteiro que para alli correm, descendo-se para o tanque por quatro escadarias de pedra, correspondentes ás quatro vias superiores de communicação, que, atravessando o jericó em cruz, dão ingresso ou sahida ao corredor do claustro.

Dos quatro lanços das arcadas, que sustentam as quatro varandas superiores do claustro, só duas remontam a tempos mais antigos, e são as que olham para o norte e para o nascente, e d'estas havemos de fallar mais especialmente em capitulo explicativo; os dois outros lanços de arcadas viradas ao sul e ao poente são de construcção posterior.

Estas arcadas, por seu módulo especial de columnas, são de ordem toscana, nua e pobre de ornatos e mesmo sem elegancia, e apenas merecem menção decorativa as esculpturas entalhadas em pedra nos dois botareos ou encostos de segurança das columnas das arcadas do lanço virado ao poente, pelo bem arrendilhado a cinzel dos dois paineis moldurados que alli existem do lado interior figurando em cada um d'estes e em relevo—um anjo em cada painel,—um a tocar rabecão e o outro a tocar trombeta, e neste, entre o arrendilhado, foi esculpida pelo artifice a data de 1525, indubitavelmente para attestar a epocha da sua fundação.

Conjecturamos que estas duas arcadas fizeram parte do plano das obras da abbadessa D. Leonor de Vasconcellos, ajudada pelas esmolas de seu pae, e por El-Rei D. João III por occasião do seu casamento em 1525, assim como pelo generoso Bispo D. Affonso de Castello Branco, não só pela data da sua fundação, mas tambem pela coincidencia do logar escolhido para sepultura d'esta abbadessa ao tôpo d'este corredor, junto da capellinha do Senhor preso á columna, a que, segundo as antigas tradições do mosteiro ficara memorada por duas pedras levantadas na parede fronteira, mas muito gastas pela acção do tempo.

Estas duas arcadas differem muito por sua estructura e estylo das outras duas do claustro, muito mais antigas; naquellas as columnas não têm pedestal nem embasamento como as outras, e assentam logo no pavimento lageado do corredor do claustro, suppondo-se que as antigas arcadas,

que as actuaes vieram substituir por desmoronamento ou ruina completa das primitivas, seriam no gosto e fórma das que resistiram ao tempo e que ainda se acham levantadas; e que nesta substituição se não guardou a mesma fórma e ornamentação por falta de dinheiro para essa construcção, mais perfeita e homogenea mas tambem muito mais dispendiosa, no que piamente cremos, porque nas paredes já cahidas do edificio e em outras mandadas demolir pela junta geral do districto na parte do edificio do mosteiro que lhe fôra concedido, encontraram-se paredes fabricadas com pedra e cal algumas, e outras com pedra e barro;—e até a mesma parede promiscuamente por partes com estas duas especies de materiaes de construcção.

No corredor do claustro, virado ao nascente, era o logar do enterramento das religiosas professas, como no corredor, virado ao sul, eram sepultadas as seculares encartadas e criadas do mosteiro.

Em ambos estes logares existem numerosas inscripções sepulcraes esculpidas nas lages; mas nenhuma em data anterior ao anno de 1596.

No lanço do claustro, virado ao norte, existe embebido na parede um nicho em fórma de oratorio envidraçado, e nelle existe a imagem da Senhora da Assumpção rodeada de um côro de anjos, obra em pedra a que damos merecimento artistico, e de muita devoção no mosteiro, porque nelle se contava que a 9 de agosto de 1696 a Senhora havia chorado sangue, porque lagrimas d'esta côr lhe sahiram dos olhos.

Suppoz-se então que era necessaria a penitencia no mosteiro, e por isso se instituiram nelle certas rezas quotidianas, e uma procissão de toda a communidade em volta do claustro com outras devotas orações deprecatorias á Senhora no dia 9 d'agosto de cada anno.

Tambem neste lanço do claustro existe mettido na mesma parede um retabulo em madeira doirada, representando em figuras a relevo o baptismo de Christo e a degollação de S. João Baptista, com desenho egual ao que existiu em pedra no refeitorio, e tambem existe em seu nicho na mesma parede a imagem de um santo com uma grelha na mão; e no lanço, virado ao nascente, ainda se vê outro nicho na parede em fórma de oratorio envidraçado

com a imagem de Santo Antonio com o menino Jesus no braço.

Em quanto á Senhora da Assumpção haver chorado sangue naquelle dia, será possivel esse prodigio, se verdade fôr a existencia da chuva de sangue, de que nos fallaram alguns meteorologistas, do qual só tem a côr. Tito Livio affirma que por muitas vezes chovera sangue nas praças de Roma.

Plinio conta que chovera sangue e leite durante o consulado de Acilio e Porcio.

Muitos escriptores da edade média fallam de chuvas de sangue, observadas em diversos logares.

O licenciado Manuel Boccarro, no *Tratado dos Cometas* que appareceram em novembro de 1618, diz que choveu sangue no mar de Setubal por espaço de duas horas.

O sabio Arago, averiguando os phenomenos d'esta natureza, succedidos em 1819, 1829, 1830 e 1846, reconheceu a existencia de chuvas avermelhadas, e foi de opinião que os ventos e as trombas marinhas podessem fazer elevar á atmosphera particulas aquosas, coloradas por materias salinas e terrestres corantes, e que pela acção chimica da natureza na condensação na região atmospherica venham depois a cahir em chuvas ou nevoeiros da côr do sangue sobre a terra.

Se assim fôr, será facil de comprehender que as lagrimas de sangue, choradas pela Senhora da Assumpção, seriam d'esta natureza, quando ainda não estivesse resguardada a imagem pelo envidraçado oratorio em que hoje a vemos, e que algumas gottas de chuva vermelha cahidas nos olhos da imagem dessem o testimunho de que havia chorado sangue.

No mosteiro tambem se deu o caso de umas servas, que, passando pelo claustro de caminho para a fonte a buscar agua em noite tenebrosa, viram que de uma sepultura, aberta havia pouco tempo, em que fôra enterrada uma religiosa, sahia pelas fisgas das pedras sobrepostas á sepultura — um fogo fatuo e phosphorescente, de que fugiram atterradas, suppondo que a religiosa inhumada ou se achava no fogo do inferno ou no do purgatorio. D'isto foram dissuadidas pela madre boticaria do mosteiro, que as certificou de que aquelle successo provinha de o cadaver

estar enterrado muito á superficie do solo, de maneira que os gazes deleterios da decomposição cadaverica, desenvolvida tambem pelas aguas pluviaes, cahidas então, que penetraram o terreno até ao deposito do cadaver, atravessando essas camadas terreas, produziram o fogo fatuo phosphorecente a que as servas chamavam o fogo do inferno ou do purgatorio, o qual viram sahir por entre as fisgas das pedras da sepultura. Mas não obstante o que fôra explicado pela madre boticaria, o caso produziu no convento rogos e orações a Deus pela defuncta, assim como aquelle choro de sangue da Senhora produzira em resultado a penitencia da communidade e a procissão.

De todo o modo, mal nenhum produziram estes phenomenos aos vivos do mosteiro, antes muito ganhou a devoção naquella casa religiosa.

Neste campo dos mortos, em que o rei e o pastor são eguaes perante Deus, e em que esse pó ficou abatido, e nós os vivos somos o mesmo pó levantado pelo sopro da vida, que tambem se ha de extinguir e ficar como o pó abatido, como disse o padre Antonio Vieira em um dos seus sermões, quizemos nós interrogar essa população, outr'ora levantada no mosteiro, perpassando por cima d'essas lages mortuarias, gastas por tantos pés que as poliram e que agora estão escondidos debaixo d'ellas, a respeito dos successos passados no mosteiro em que fundamos as nossas conjecturas, para com mais certeza fazermos melhor as nossas narrativas ao leitor, guiados apenas pelas lendas e contos nos serões do mosteiro; mas a lei da morte não permittiu a resurreição das madres para nos contarem tantos successos do seu tempo, como consentiu na resurreição de Lazaro, e na do defuncto assassinado, á voz do mando de Santo Antonio, para livrar o pae da forca, e por isso vamos adiante com as lendas narradas, na fé de que são verdades transmittidas á posteridade nas memorias do mosteiro.

XI

Os capiteis do claustro

Napoleão I ao avistar com o seu exercito as Pyramides do Egypto, exclamou com um brado: — «Soldados! olhae que do alto d'aquellas Pyramides quarenta seculos vos contemplam!» Era para o fervor da batalha que assim os chamava.

Nós, ao avistarmos no venerando claustro do mosteiro os famosos capiteis, exclamamos tambem com um brado: —«Leitores! Ide ver os mais antigos capiteis das columnas das arcadas do lado do norte do claustro, porque do alto d'aquelles capiteis mais de seiscentos annos vos contemplam!»

Eil-os ahi, erguidos com suas figuras symbolicas, memorando passos da vida de Christo, da Virgem e de Santos!

Já vêmos que é monumento consagrado á religião, em casa religiosa de remota antiguidade.

Os soes dos seculos passaram sobre elles, crestando-lhes a fronte e enrugando as faces e linhas do rosto das figuras, sem lhes poupar as roupagens e emblemas que as revestem.

A sacra familia, na representação dos quadros, já não tem a mesma expressão, que a mão do tempo a foi apagando pouco a pouco; e as freiras do mosteiro, lastimosas de verem rotas as carnes e as vestiduras caracteristicas da antiguidade d'aquelles tempos em sua representação, caridosamente as vestiram da cobertura de tintas d'oleo de variegadas côres, em differentes epochas e por camadas sobrepostas para melhor poderem resistir ao sol, ao ar, ao frio e á humidade que as ia consumindo e gastando no rodar dos seculos.

Contra estes inimigos do monumento poderam as piedosas freiras oppôr essas capas de resguardo, apagando com a duplicada ou triplicada pintura um pouco as linhas do rosto, o pregado das roupagens das figuras, e os emblemas da primitiva ornamentação dos quadros esculpidos nos capiteis; mas o mal já então tinha lançado profundas

raizes, levando o salitre (caruncho da pedra) ao centro do relevo em pedra de Ançã, facil de obrar mas pouco resistente á acção corrosiva do tempo.

Esta molestia curada com a pintura, ao que parecia na superficie, não atalhou o mal interior das pedras molduradas; e como se fosse de lepra, os membros representativos das figuras foram esphacelando-se do interior, cahindo aos bocados e dando a essa representação os estragos que a morpheia produz na gente viva—a deformidade.

No relevo dos quadros não ha um só capitel que a mão do tempo não tocasse.

Em alguns ha mutilações profundas, corpos sem cabeça, sem pernas e sem braços; em outros só resta a sombra do relevo em esqueleto, sem apparencia de qual fosse a sua fórma ou representação; e nos poucos mais bem conservados a pintura e o tempo operaram a transfiguração, assemelhando-a a um velho a quem a edade apagou as fórmas externas, transtornando as feições da mocidade com seus estragos naturaes.

Aqui fica como que estampada a descripção dos quadros d'estes capiteis das columnas, para o que a penna do escriptor não póde ser tão fiel em miudezas de narrativa ornamental, como a poderia fazer o pincel do artista em desenho correcto ou pela machina photographica.

Ao leitor curioso e apreciador de obras perfeitas ou imperfeitas convidamos a uma visita ao claustro de Cellas, para melhor observar os destroços que a edade de mais de seiscentos annos fizera nos ornatos dos capiteis.

É natural que o leitor queira agora saber: — em que epocha fôra levantada esta fabrica; quem fôra o fundador; e quaes foram os artifices.

É justa a curiosidade.

Mas não sabemos responder com acerto a estas interrogações.

Aqui só fallam as pedras fundamentaes do monumento, por quem ainda chora a pedreira.

A historia não diz quem fôra o fundador nem os artifices, e lemos, sem nos lembrarmos agora aonde, que houve quem conjecturasse que estes capiteis, suas columnas e bases vieram para aqui do antiquissimo mosteiro da Vaccariça, então em ruinas. Seria assim?

Em quanto á edade asseveramos que vem de mui remotos tempos; mas mesmo neste ponto divergem os archeologos e architectos, cultores das bellas artes.

O sr. dr. Augusto Filippe Simões, no seu livro—*Memorias dos seculos XII, XIII e XIV,* disse a pag. 218: — «Do primitivo mosteiro de Cellas subsiste apenas um lanço do claustro. Os capiteis do claustro de Cellas, de fórma cubica e cobertos de figuras singelamente lavradas, referir-se-iam sem duvida, pela sua imperfeição, a uma epocha anterior á Sé Velha, se não se attribuisse com probabilidade ao primeiro quartel do seculo XIII a fundação do mosteiro».

O sr. Joaquim de Vasconcellos, em uma memoria publicada ha poucos dias nos jornaes, disse: — «No mosteiro existe um claustro da epocha de D. Diniz (1279-1326), que é uma reliquia de primeira ordem, talvez unica como documento historico, e como especimen architectonico de excellente conservação. Seiscentos annos passaram por este claustro venerando, adornado de preciosissimos capiteis, em que a devoção e a pericia dos artifices medievaes nos legaram um poema cheio de sentimento e belleza. Dos quatro lanços da primitiva fabrica restam apenas dois... A arte christã encontrou nos capiteis de Cellas os passos da vida da Virgem e de Christo, as lendas do *Flos Sanctorum*... O archeologo e historiador acharam nas esculpturas de Cellas as scenas, os trajos, os costumes, emfim a vida nacional, civil e militar que se retrata poeticamente nos cancioneiros do grande rei, que foi poeta, artista e lavrador».

Ambos estes antiquarios e escriptores distinctos, que têm voto respeitavel de valor assignalado na archeologia, na architectura e na esculptura antiga, desacertam em Cellas o compasso e a regua da pericia dos artifices medievaes, que legaram esta obra á posteridade, e até mesmo sobre a epocha da sua fundação.

O sr. Possidonio, distincto architecto lisbonense, investigador assiduo e intelligente das antiguidades patrias da nossa terra, assigna aos capiteis d'estas columnas do claustro a architectura do seculo XII; e como perito na arte de esculptura, não nos consta que descrevesse esta fundação com as bellezas artisticas e sentimentaes de expressão viva e apparente, como maravilha de composição para compa-

ração d'esta antigualha com as illuminuras do cancioneiro de D. Diniz.

Nesta divergencia ou antagonismo de opinião de peritos afigura-se-nos que estas pedras monumentaes não dão na vista dos antiquarios a certeza da epocha da sua longevidade, que não teve assento de baptismo lavrado nestas pedras, nem a paternidade escripta na chronica do fundador desconhecido, e nem o nome glorioso do mestre ignoto que concebeu e executou o plano do monumento, dedicado á religião e á eternidade das penitenciadas freiras do mosteiro.

Não fallamos ao leitor amestrado no estudo das bellas artes; fallamos ao leitor curioso e um pouco lido na historia dos velhos costumes e trajos d'esta occidental praia lusitana; e a estes, e só a estes, pedimos que na visita ao claustro de Cellas reparem bem no *toucado*, no *saião* e no *cal çado* das figuras (no que ainda é visivel) que dão á vista o trajo nacional da epocha d'esta fundação, sem esquecer que naquelles tempos não vinham, como agora, de Paris as modas multiplices do vestuario, e que em pouco divergiam de uma para outra região portugueza nos seculos assignados a esta fundação.

Nós, leigos da materia e sem comprehendermos a linguagem muda, mas expressiva, d'estas pedras fundamentaes, não podémos entendel-as bem para informar o leitor, avido de noticias, sobre aquellas interrogações bem cabidas.

E para não dizermos algum paradoxo, que desperte a vista e o ouvido dos peritos cultores das bellas artes, e para os não molestar com a nossa indiscrição, callamos o juizo proprio e natural que nos dá á vista a apparencia d'estas pedras, porque bem podem ser juizo temerario e um peccado, contra o qual recahiriam os protestos com todo o rigor dos principios e regras que ensinam as bellas artes, que nós ignoramos e em que não somos athletas no manejo d'estas armas; e por isso neste ponto nos reduzimos ao silencio sobre a apreciação critica que illumina as pedras fundamentaes dos 600 annos, de mais ou menos valor artistico que lhes queiram attribuir; e apenas chamaremos aqui o leitor conimbricense, especialmente, para em passeio recreativo vir ao claustro de Cellas vêr e admirar com os seus proprios olhos esses quadros esculpidos nas quatro

faces dos capiteis, e julgar do merito ou demerito da pericia dos artifices pela obra que executaram, dando-lhe todavia o desconto do lastimoso estado de decomposição das pedras, reduzidas muitas d'ellas na superficie quasi a sulphato de cal.

Continuando a narração descriptiva: vemos que o embasamento das columnas neste lanço é desigual na altura sobre o pavimento do corredor do claustro, e que as columnas são geminadas, com excepção de uma a duas cannas cavadas na mesma pedra com capitel almofadado e sem ornatos.

Passando ás arcadas viradas ao nascente do claustro, encontra-se alli o mesmo estilibato do outro lanço, e com o mesmo defeito no embasamento.

Neste lanço são quatro as columnas geminadas com seus capiteis cubicos, ornados de figuras de gosto diverso; e as restantes columnas são a duas cannas cavadas na mesma pedra com seus capiteis almofadados, e frisados sem ornatos decoratorios a archivoltas e o embasamento.

O estilibato geral d'estes dois lanços do claustro é homogeneo na apparencia, com os defeitos do seu nivelamento já notado; e nos pedestaes das columnas ha a mesma uniformidade geral, assim como nos frisos superiores e inferiores.

Parece-nos ter algum fundamento aquella noticia de que as columnas geminadas com seus capiteis, pedestaes e archivoltas, viriam para o claustro de Cellas do arruinado mosteiro da Vaccariça, e que aqui foram armados como se acham, supprindo-se os que faltaram com as columnas a duas cannas, por imitação das geminadas, e com os capiteis almofadados em supprimento dos que faltaram de fórma cubica com ornatos.

Se esta conjectura não podér ser recebida com visos de verdade, havemos de acceitar forçosamente esta fundação fabricada expressamente para o claustro; e nesta supposição, necessariamente havemos de acreditar que os capiteis cubicos e columnas geminadas se consumiram com o tempo, e que as columnas a duas cannas com os capiteis almofadados foram substituição mui posterior, que o estado de melhor conservação das pedras monumentaes está apregoando.

Seja o que fôr. Em todo o caso é um monumento de remota antiguidade, que, não obstante os seus defeitos architectonicos, se os tiver, e mesmo no estado de deterioração em que se acha, merece ser conservado para perpetuar a memoria do mosteiro, e do estado das artes em pedra d'aquelles longinquos tempos.

XII

A eleição das abbadessas

Até ao anno de 1652 a eleição era feita na casa do capitulo por acclamação, dentro de nove dias após a morte da extincta, em que tambem se elegia a vigaria prioreza que a havia de substituir em seus legitimos impedimentos physicos ou moraes, ou para o caso de sua morte até á nova eleição, e com promessa de obediencia e sujeição.

Da eleição se dava conhecimento ao bispo diocesano para sua approvação e effeito de a investir do baculo prelaticio do mosteiro, com as ceremonias do ritual usado nesse acto, que o bispo ordinariamente delegava num conego da sua sé ou no capellão do mosteiro.

Porém, naquelle anno, o D. abbade geral d'Alcobaça, em carta reverencial, ponderou ao bispo de Coimbra que na sua qualidade de cabeça da ordem de Cister lhe parecia que na eleição da prelada do mosteiro e da vigaria sua successora no regimen da casa religiosa, seria mister da sua jurisdição interferir na eleição, sem privação alguma da jurisdicção canonica do bispo diocesano para a approvação da eleição.

O bispo concordou com esta reclamação, e d'ahi em diante a eleição era notificada pelo abbade geral sob informação da capellão do mosteiro, que era frade bernardo, e o bispo depois approvava a eleição, e mandava investir a nova abbadessa do baculo prelaticio; e de tudo se lavrava um termo, enviando-se uma copia ao bispo diocesano, e outra ao D. abbade de Alcobaça, acompanhada para este de um presente da ordem, em reconhecimento da sua suzerania; e nesse anno figuraram entre outros dôces do pre-

sente as famosas tijelladas, de que o capellão do mosteiro fr. João da Natividade fez menção especial por sua novidade e delicado sabor.

Na carta de remessa disse o frade que a communidade se compunha de 209 pessoas alli recolhidas, sendo freiras professas 71, que eram muito caridosas e de boa vida, e de muito respeito para com sua paternidade.

Naquelles tempos não se festejavam os abbadessados.

A communidade suffragava a alma da extincta abbadessa, e implorava em suas orações a benção do Ceo para a nova eleita.

Mais tarde, no correr dos annos, os abbadessados foram ruidosos em festejos: havia outeiros, mótes e poesias, com tres dias de festa e folgares déntro do mosteiro, e fóra d'elle ao seu pateo vinham senhores e gente do povo com musicas e descantes cumprimentar a nova abbadessa.

A eleição das abbadessas por acclamação passou da moda velha para a moda nova do escrutinio secreto por listas eleitoraes, e em tempos mais proximos formavam-se partidos na eleição, em que as leigas do mosteiro se tornavam interessadas por suas amas e amigas, assemelhando o caso a uma eleição de deputados da nação em nossos dias, perdendo-se o systema antigo de implorar a intervenção do Divino Espirito Santo, para que a eleição recahisse na escolhida de Deus.

No anno de 1702 contavam-se no mosteiro 308 pessoas, que alli se achavam recolhidas, sendo religiosas 126.

No mosteiro havia abundancia do que era necessario á vida com muito sobejo; e as seculares e leigas passavam alli vida regalada e descuidosa.

Assim informava nesse anno o capellão do mosteiro fr. Aleixo d'Alcobaça ao D. abbade geral.

XIII

Mal haver por bem fazer

No mosteiro a vida corria socegada e alegre para algumas recolhidas no anno de 1703.

As freiras, fieis observantes da sua regra, sentiam a santa paz do coração.

As seculares folgavam umas com as outras, e nas longas noites do inverno ao serão contavam algumas aventuras, que as haviam trazido a este recolhimento, com as suas peripecias engraçadas dos paes a titulo de as livrar dos enganos do mundo.

As leigas serventuarias contavam historias de casamentos mallogrados, tyrannias dos paes, e as impressões das romarias—ao Senhor da Serra, á Nazareth da Ribeira e a Santo Antonio dos Olivaes, naquelles dias festivos em que o baile de roda reinava com animação entre a gente do povo, e que servia tambem de distracção á gente luzida da cidade, que gostava de vêr a mocidade naquelles folguedos com seus requebros donairosos, e cantando ao desafio.

As criadas velhas da Ordem, essas entretinham o seu tempo resando ao serão as suas contas, e tratando da armação do presepio, porque estavam chegadas as oitavas do Natal d'esse anno.

Tudo respirava socego e bem estar no mosteiro, onde não faltava o pão de cada dia com fartura, e abastança de tudo o mais necessario á vida do corpo e tambem da alma.

Só a madre abbadessa é que andava preoccupada com o quer que fosse que a molestava, mas nada dizia ás suas companheiras da oração, e apenas ás vezes soltava uns ais e sentidas exclamações desusadas. Dizia ella: «Valha-me Deus, pois aquellas santas mulheres estarão tentadas pelo inimigo da alma?!!»

E aqui ficava, e nada mais dizia; e mesmo isto era dito na ausencia das religiosas.

Naquelle tempo havia no mosteiro duas leigas muito espertas e engraçadas, Bertha e Leopoldina, muito amigas e confidentes.

Bertha ouviu por duas vezes esta expansão da abba-

dessa. e principiou a suspeitar que a cabeça d'aquella madre não regulava bem, ou que algum acontecimento grande a preoccupava violentamente.

Contou este caso á Leopoldina, e ambas protestaram descobrir as teias de aranha (como ellas diziam) que enrolavam a cabeça da santa abbadessa, se não fosse a loucura.

Tratava-se da armação do presepio para a representação da noite do Natal; e aquellas raparigas pediram á abbadessa a licença para alli representarem os Reis Magos na adoração do Menino Jesus, isto quando a abbadessa se dirigia ao cartorio do mosteiro, onde havia alguns dias se demorava longo tempo.

A abbadessa ia distraida naquella preoccupação em que andava o seu espirito, e irreflectidamente respondeu: «Isto não póde ser, são cousas ou enganos do procurador de Sant'Anna.»

Accudiram as espertas leigas: «Sim, minha senhora, esse procurador é homem mal encarado, e desde que esteve na grade a fallar outro dia com Vossa Reverendissima não mais Vossa Reverendissima teve aquelle socego e a paz de espirito tão natural á sua santa pessoa. Elle trazia sobrescripto na cara de mau agouro. e pena é que seja pessoa ecclesiastica que viesse tentar a Vossa Reverendissima. E se cá voltar, havemos de prevenir a leiga da roda para ella lhe offerecer agua benta antes de Vossa Reverendissima lhe fallar, porque póde ser que seja o anjo mau em figura de gente».

A abbadessa só respondeu: «Não é isso. O que querem vossas mercês? A que vêem aqui fallar-me?»

— «Viemos pedir a Vossa Reverendissima a licença para no presepio representarmos os Santos Reis Magos.»

— «Pois sim, fallem nisso á senhora madre prioreza; saiam e fechem a porta.»

Aqui cresceu a curiosidade das espertas raparigas; e Bertha, com o ouvido á escuta ao buraco da fechadura da porta do cartorio, ouviu pouco depois dizer a abbadessa: — «Mal haver por bem fazer; pois este mosteiro dava uma esmola de pão a Sant'Anna, e querem agora que essa esmola seja um fôro que este mosteiro deva a Sant'Anna?! Não póde ser! Aqui estão os livros, estes é que fallam a verdade e dizem o que é».

Com isto a abbadessa se callou.

As espertas raparigas tinham levantado a ponta do negro veu que encobria o segredo que a abbadessa guardava com tanto incommodo seu.

Desceram ao largo da fonte do mosteiro, e alli a sós combinaram ir contar á sr.ª prioreza o que se havia passado, com o louvavel proposito de libertar a santa abbadessa d'aquelle pesadelo em que andava e que lhe ia consumindo o espirito com apprehensões, que podiam apagar-lhe a luz da razão, e porque ás vezes se esquecia das horas da obrigação do còro, para que era preciso chamal-a do cartorio que frequentava.

D'alli seguiram para a cella da prioreza, a quem contaram tudo o que viram e ouviram, e pediram perdão d'esta denuncia a bem fazer e prevenir alguma desgraça.

Á prioreza não havia passado desapercebida a preoccupação da abbadessa; mas, como ella padecia de *nervoxismo,* attribuia a este estado morbido o seu mal estar e a aconselhava ao descanço e distracções.

A prioreza agradeceu ás leigas a revelação, com promessa do perdão da abbadessa, se não fosse intriga indecorosa.

Em seguida dirigiu-se ao cartorio do mosteiro, e alli encontrou a abbadessa a escrever uma carta, tendo ao seu lado abertos alguns livros do mosteiro; e depois do usado *benedicamus Domino,* referiu-lhe o que ouvira a Bertha e a Leopoldina.

A abbadessa com olhar espantado disse: «Estimo ver agora aqui Vossa Reverendissima, louvado seja Deus: tenho guardado em segredo um successo que muito me tem martyrisado. A madre prioreza de Sant'Anna de Coimbra mandou aqui o padre capellão, seu procurador, a dizer-me que este nosso mosteiro estava devendo tres annos das rações de pão meado do seu fòro, de que não prescindia, e em termos descortezes nos ameaça com a demanda em caso de falta de pagamento dos atrazados e futuros vencimentos.

«Aquella nossa irmã em Jesus Christo não tem razão, porque o nosso mosteiro não paga fòro algum a Sant'Anna. mas sim a Santa Clara, do olival de fóra, annexo ao nosso cêrco.

«Leia a irmã prioreza este assento.» E apresentou-lhe um livro antigo do mosteiro.

Nelle se lia o seguinte:

«Na era de 1670 annos, em dia de S. Miguel Archangelo, em capitulo, reunidas as madres abbadessa, vigária e mais religiosas d'este mosteiro, sob campa tangida, aqui se assentou sem discrepancia, que a esmola de pão meado —de trigo e milho, que este mosteiro dava diariamente ás nossas boas e necessitadas irmãs de Sant'Anna, dos sobejos do nosso mosteiro, se calculasse e reduzisse a alqueires de trigo e milho, e a nossa esmola lhe fosse dada em todos os annos, em quanto podermos, no dia de S. Miguel, e que de nosso accordo e vontade calculamos a esmola em 68 alqueires em cada anno, por a metade em trigo e milho. Assento escripto pela madre escrivã, e assignado pelas madres abbadessa, vigária e mais religiosas, *in signo crucis.*»

Em outro livro antigo se lia o que se segue:

«Este mosteiro paga de fôro ao de Santa Clara, pelo olival de fóra junto do nosso cêrco (não se percebe), alqueires d'azeite; paga mais um arratel de cera amarela para a vela Maria, em Santa Cruz, pelas terras cidreiras no Campo do Bolão.»

Depois disse a abbadessa em tom maguado: «Mortificam-me estas cousas, porque o mosteiro não deve os fóros pedidos, e as esmollas só as dá quem as póde dar, e os sete mil cruzados que o nosso mosteiro deu pelo sacrario de prata que mandámos fazer no Porto, que temos na nossa egreja, fez com que se encurtassem as despezas e que nos abstivessemos por algum tempo d'aquella esmola, como communiquei áquella nossa irmã prioreza de Sant'Anna.

«Tenho guardado para mim este segredo, porque este facto involve em si um escandalo, ou da nossa parte se devemos e não queremos pagar o que é de Sant'Anna, ou d'esta communidade se exige de nós o que lhe não pertence nem devemos, e o mundo póde apreciar de differente modo estas cousas sempre cóm prejuizo do decóro e respeitabilidade das duas casas religiosas.

«Quizera primeiro ver se aquella prioreza, nossa boa irmã, se convencia de que a nossa esmola não era fóro, mostrando ao seu capellão procurador os nossos livros antigos para elle a informar e evitar esse escandalo da

demanda entre casas religiosas, e só depois de esgotados todos os meios suasorios e pendentes de conciliação, é que queria dar conhecimento em capitulo á nossa communidade de todo o occorrido, pois que não seremos nós quem dê primeiro vulto ao escandalo e menos boa fé ao que é justo e de verdade sabida dos antigos assentos d'esta casa religiosa.

«Aqui tendes vós, irmã prioreza, a minha preoccupação, e a razão da tristeza que me acompanha, de que as duas leigas lhe fallaram, e perdoo-lhes o atrevimento de me espreitarem e escutarem pelo louvavel interesse que tiveram de, por vossa via, me libertarem do pesado desgosto que me afflige e traz atribulado o meu espirito.

«Sim, ellas disseram-lhe que me ouviram dizer: «Mal haver por bem fazer». É verdade que assim exclamei aqui.»

A abbadessa, d'accordo com a prioreza de Cellas, escreveu a carta á prioreza de Sant'Anna, referindo-lhe o que constava dos assentos do mosteiro, e rogando-lhe que mandasse o padre capellão seu procurador verificar a verdade das suas palavras—á vista do antigo assento da esmola de pão meado, reduzidas a trigo e milho.

A prioreza de Sant'Anna satisfez a este convite e mandou a Cellas o seu procurador acompanhado de um letrado, que, examinando aquelles livros, pediu á abbadessa de Cellas que lhe apresentasse todos os recibos que tivesse no cartorio do mosteiro respeitantes a essa esmola annual; e depois da necessaria busca se encontraram recibos de mais de 30 annos, em que a prioreza de Sant'Anna declarava sempre haver recebido em cada anno aquelles 68 alqueires de pão meado da abbadessa do mosteiro de Cellas e que por isso lhe dava quitação de paga de fôro, ao passo que no livro antigo dos fóros de Sant'Anna, se achavam lançados, como fôro aquelles 68 alqueires de trigo e milho.

Para evitar a demanda concordaram as duas communidades religiosas entregar a decisão e tres letrados, dois doutores em leis e um em direito canonico, que afinal foram de parecer que a questão se achava favoravel a Santa Anna, visto que nunca as abbadessas de Cellas, ao receberem as quitações da paga do fôro, haviam reclamado contra esta designação, em quanto que naquelle anno de 1689 fôra aberto em Sant'Anna no livro dos fóros o assento

d'esse fôro dos 68 alqueires de pão meado, e sem embargo do assento lançado no livro de Cellas com o nome de esmola.

Para evitar a demanda, as religiosas de Cellas conformaram-se com o parecer dos letrados, e continuaram a pagar a esmola como se fôsse de fôro, devido ao pouco cuidado com Sant'Anna ao passar os recibos, e mais essencialmente em Cellas — em os acceitar com a menção de fôro, que não era e nem havia bens em que recahisse.

D'ahi em diante as servas do mosteiro, á sahida d'este fôro do celleiro da ordem, diziam: «Lá vae o fôro ladrão».

XIV

Não ha mal que não acabe nem ventura que sempre dure

Depois de uma paz octaviana, que durou por muitos seculos no mosteiro, raiou o dia da desventura para as religiosas.

O caso foi grave e de muito desgosto e vexame para as freiras do mosteiro.

No anno de 1712 houve sérias desavenças entre as religiosas de Cellas e os confessores e feitores, motivadas por questões economicas.

Como as freiras quizessem sair do mosteiro, foram nelle bloqueadas durante sete mezes. O assedio era apertado; todavia as familias das freiras, assim como alguns sacerdotes, conseguiram fornecer-lhes viveres, lançando para cima do muro da cerca varias peças de caça, gallinhas, peixe, etc.; e um padre, que uma vez foi surprehendido pelos sitiantes a deitar para dentro da *praça* uns perús, deu uma grande queda e foi ainda em cima maltratado.

Este estado de cousas não podia comtudo continuar; e as religiosas resolveram fazer uma sortida, que levaram a effeito no dia 17 de março d'aquelle anno.

Sahiram todas (menos as doentes) para o pateo do mosteiro processionalmente e com cruz alçada; e tentaram atravessar as fileiras inimigas.

O corregedor com os seus officiaes accudiu a oppor-se energicamente á sahida, dando-se então um episodio engraçado.

O corregedor, que, além de querer levar as cousas á valentona, não primava pela cortezia, dirigiu insolentes palavras ás sitiadas.

Todas soffreram o insulto, á excepção de uma das que acompanhavam a cruz com um cirial; essa replicou ao insulto com outro insulto, e erguendo a mão deu uma tremenda bofetada no corregedor.

Esta senhora chamava-se D. Isabel Mauricia de Menezes, e foi depois abbadessa do mosteiro, e parece que mais tarde fizeram as pazes com o corregedor.

Para as freiras recolherem á clausura foi necessaria a presença do Bispo Conde, D. Antonio de Vasconcellos, que declarou tomal-as sob a sua protecção.

Lavrou-se um termo de composição, que foi feito no pateo do mosteiro.

O Bispo estava sentado numa cadeira e as religiosas sobre alcatifas.

O termo foi assignado pela abbadessa, pelo prelado e por dois doutores, um dos quaes era lente de prima em leis, e por cento quarenta e sete freiras do mosteiro.

XV

Casar ou metter freira

Era este o modo de fallar no seculo passado ás meninas de idade propria de tomarem estado.

Não era já a vocação que levava gente aos conventos; era o modo de vida, como se fôsse um officio ou beneficio para as que não casavam.

Nas casas religiosas de ambos os sexos, passava-se vida regalada, sem cuidados nem trabalhos; e da penitencia e da vida eterna poucos e poucas se lembravam.

Nos conventos havia muita gente d'este jaez, attrahida alli pela convivencia de muita gente junta, em vida alegre e descuidosa, com habitação e pão certo de cada dia, mediante um *piso* ou joia d'entrada em casas ricas e afidalgadas, que as havia mui distinctas.

Tambem estas casas serviam de asylo á virtude, ao estudo, e á preparação para a vida eterna de muitos e de muitas devotadas a Deus e ás sciencias; pois de tudo havia para todos, na escolha do joio que se encontrava naquella seara do Senhor nosso Deus.

A par da boa vida de muitos e muitas que a levavam sem nada produzirem, havia tambem a producção de muitos ingenhos que alli se cultivavam e davam bons fructos ás sciencias, sazonados pelo estudo e meditação no remanso da solitaria cella do convento.

Aquelles recolhimentos eram bons em tudo e para todos em toda a casta de sabor individual, e até d'alli se faziam casamentos ás recolhidas seculares que por suas graças e belleza, no côro da egreja em dias de festa, mais brilhavam com seus encantos e na musica ao divino, que muitas d'ellas executavam com maestria.

Até para os desvalidos da fortuna e pobreza envergonhada os conventos serviam de amparo, e os mendigos e peregrinos tinham sempre o caldo de cada dia á portaria dos conventos e mosteiros.

Nestes, como em botica, havia remedios salutares para todas as enfermidades do corpo e da alma, com a uncção do Senhor sempre louvado nas casas religiosas.

As sciencias e as artes tinham ali tambem o seu alcaçar, como fortaleza inexpugnavel no seu desenvolvimento, e as bellas artes um museu archeologico do que a invenção humana possuia de melhor, porque era para as casas de Deus, como então se chamavam, que os artifices mais distinctos da antiguidade mais e melhor se aprimoravam na feitura das suas maravilhas, segundo o estado das artes d'aquelles longinquos tempos.

Que o digam os mosteiros de Alcobaça, de Santa Cruz de Coimbra, de Tibães, de Aviz, da Batalha, de Belem, de Mafra, e tantos outros grandiosos, espalhados por todo o reino.

Todos estes ainda fallam do que foram nos tempos da sua juventude.

Pelo seu vulto enorme e trabalho architectonico, divisamos ainda a opulencia dos seus habitadores, que, como possuidores de muitas terras e de immensos rendimentos, e alguns d'elles no goso de direitos e regalias majestaticas, eram como senhores feudaes em nobreza e poderio.

Assemelhados alguns aos bispos no poder espiritual, e com suas insignias, e outros exemptos d'aquella jurisdicção, eram um poder no estado de immenso valor, e de grande respeito dos povos nas suas terras, que lhes eram tributarias com gravosos impostos, que lhes satisfaziam de toda a casta de fructos e serviços pessoaes, e até mesmo do pescado, para que em tudo aquellas casas religiosas fossem regaladas.

Mesmo os conventos dos mendicantes se podiam considerar remediados, porque nada lhes faltava na abundancia das esmolas de todo o genero que colhiam da gente do povo, que os considerava seus medianeiros para com Deus; pois que os frades os consolavam nas suas afflicções, lhes serviam de enfermeiros na doença do corpo, e lhes curavam os males da alma, e os ajudavam a bem morrer na graça de Deus, ensinando-lhes os filhos, a quem davam instrucção nas aldeias sertanejas.

Finalmente, era ao convento aonde ia o povo buscar o pasto para a alma atribulada, e que tambem soccorria os povos nas agruras da vida, sem mesmo faltar o caldo á portaria em partilha da sua parca refeição diaria.

E nesses e outros conventos, mais ou menos abastados, se crearam tambem homens que honraram a humanidade por suas virtudes e grande saber em sciencias e nas artes, e foi nos conventos que se aprimorou e cultivou com esmero de aperfeiçoamento a lingua patria e classica.

Foi dos conventos e mosteiros que sahiu a milicia de Christo a evangelizar as gentilidades de além-mar, dilatando a fé religiosa nas conquistas dos nossos navegadores—na India, nas terras de Santa Cruz, na China, na Africa, e em toda a parte aonde foi levado o nome portuguez.

Não havia nau de viagem ou caravela em descoberta de novas terras, que a seu bordo não levasse soldados d'esta milicia, destinada á sustentação e dilatação das terras descobertas.

Quem dilatou e conservou para Portugal os nossos dominios ultramarinos?

Responda a historia da vida e trabalhos de S. Francisco Xavier, do padre Antonio Vieira, e de tantos outros missionarios illustres, que affrontaram os mares para offerecerem a vida, posta em holocausto entre gentios ferozes, no serviço de Deus e da patria, e que, levando a fé christã áquellas gentilidades, catechizando-as, as uniram á corôa portugueza.

Ás ordens religiosas deveu a nação grandes serviços, que ainda hoje poderiam prestar, reformando o seu instituto em sentido mais utilitario á sociedade de que faziam parte.

O homem tem deveres a cumprir para com Deus, e neste sentido havia o instituto religioso; mas tambem tem obrigações a cumprir que o ligam ao serviço da patria; e lá tinha além-mar as missões que tambem é serviço de Deus e da patria, tão necessarios á conservação dos nossos dominios ultramarinos, para que não chega actualmente o viveiro de missionarios do collegio de Sernache do Bom Jardim, que as missões extrangeiras *Propaganda Fide* nas Indias e na Africa tambem nos vão abatendo no padroado do Oriente, e debilitando nas terras africanas, porque a seu respeito podem elles dizer de nós, e com verdade, que as nossas missões são naquelles vastissimos territorios — o *rari nantes in gurgite vasto.*

Não é só nas missões que a milicia de Christo poderia fazer bons serviços a Deus e á patria; cá mesmo no continente europeu os poderia prestar: pois não precisamos nós, nestas praias occidentaes europeas, de casas para educação de menores de ambos os sexos, abandonados ou desamparados que por ahi vagueiam sem instrucção religiosa nem civil, lançados no charco do vicio e da vadiagem, do crime e da devassidão no alvôr da vida?

Os conventos de ambos os sexos poderiam servir tambem de asylo a estes desgraçados, desvalidos do braço altivo do pae e do doce carinho da mãe, a quem a sociedade tem de lançar a mão piedosa para ensinar os ignorantes desprotegidos e castigar os que erram.

Existem, é verdade, casas de correcção de menores, asylos de mendicidade, de creanças abandonadas e conventos de irmãs hospitaleiras dos pobres pelo amor de Deus.

Mas, reformado o instituto religioso no sentido humanitario e civil ao mesmo tempo, e no mesmo convento por uniformidade geral, não lucraria a nação com esta instituição religiosa e civil conjuncta, creando para aquelle fim e objectivo conventos separados de ambos os sexos em cada districto ou circumscripção adequada?

Alli se daria a Deus o que é devido a Deus, a Cesar o que se deve a Cesar, aproveitando-se por ventura os conventos das freiras que ainda existem na posse da fazenda nacional, e aquelles em que ainda existem freiras.

Voltando d'esta longa digressão de viagem ás missões ultramarinas e ás casas religiosas d'ambos os sexos, no sentido de bem servir a Deus e á patria, na união do instituto civil e religioso, com bons principios de moral evangelica, regressamos agora ao mosteiro de Cellas, no adagio do seculo passado—*casar ou metter freira.*

Em Cellas, como em outros conventos, entrava muita gente sob aquella bandeira hasteada, como de misericordia para o recolhimento de gente honesta sem meios de viver honradamente, e como asylo tambem das que o procuravam em desafogo de desillusões do mundo de enganos para algumas, e de descanço em vida socegada para outros.

Nessa turba multa que inundou o mosteiro de Cellas naquelles tempos, appareceu a sizania temerosa de algumas leigas protegidas das freiras, e d'entre aquellas algumas de genio irrequieto e discolo, que muito deram que fazer e pensar á madre abbadessa do mosteiro, para restabelecer a ordem e boa harmonia naquella communidade, alvoroçada pela maledicencia de algumas, e intrigas de outras, que iam tornando alli a vida impossivel em casa religiosa.

XVI

As linguas do inferno

Naquelle tempo (anno de 1776) existia no mosteiro a antiga mestra de solfa, madre Maria Josepha, senhora muito instruida na musica sacra, mas que pela idade avançada e falta de dentes achava-se inapta para reger no côro o canto-chão.

Em certa occasião de missa de festa a S. Bernardo insistiu ella em cantar a *Gloria in excelsis Deo*; e tão desastradamente executou a musica com gestos extravagantes, que causou no côro riso a muitas seculares e leigas, que levantaram um murmurio improprio do logar e da occasião, o que se repetiu tambem entre os fieis que na egreja assistiam á festa.

A abbadessa quiz atalhar a tempo que no côro cessasse aquella manifestação, batendo com o seu livro na cathedra em signal de silencio; mas não foi facil conseguir o seu intento, porque a madre Maria Josepha continuava só com a sua musica indiscreta.

Não resolveu a madre abbadessa impôr silencio a esta cantora, mas mandou correr a cortina ás grades do côro, e a toque de campainha um signal de suspensão da festa.

O capellão celebrante e os seus dois acolytos, de mau grado, foram sentar-se na bancada da capella-mór, em quanto que a abbadessa rogava á madre Maria Josepha que descançasse do seu canto-chão, e com maneiras benevolas pediu a todos que cessassem aquelle escandalo e mau exemplo dado ao povo que estava na egreja.

Dito isto, com certo modo de auctoridade mandou abrir a cortina e deu signal para continuar a festa, mas a esse tempo já os padres se achavam no altar continuando a missa *resada*.

Ao segundo signal da abbadessa com a sua campainha, passou a missa a ser cantada, todavia com certa hilaridade manifestada pelo povo na egreja, secundada dentro do côro por algumas seculares e creadas que riam desastradamente.

Acabada a missa, cantada e resada promiscuamente, as freiras sahiram do côro, e na egreja e no pateo do convento contava-se a historia do successo acompanhada da critica, jocosa mas severa, contra a abbadessa, que não tivera força moral necessaria para fazer guardar respeito ás suas ordens, e impôr silencio á madre Maria Josepha; e nesta critica entrava tambem o padre capellão e seus acolytos, que davam vulto a este caso extraordinario e pouco edificante em casa religiosa.

A abbadessa reuniu logo em capitulo sob campa tangida para consultar as madres do mosteiro sobre as providencias a tomar, para que não mais se repetissem aquellas scenas desagradaveis, e dar o merecido castigo a quem fosse devido.

Naquella especie de assuada feita á madre Maria Josepha entravam algumas seculares e leigas muito da estimação de algumas religiosas; e estas, reprovando aquelle procedimento, desculpavam as raparigas em attenção á figura extravagante que fizera a madre cantora, e algumas das freiras mais novas confessaram que tambem não poderam conter o riso nessa occasião, e que por isso se achavam incursas na merecida censura; e pelo que entendiam que para o caso seria sufficiente — uma simples advertencia feita ás culpadas pela madre abbadessa em capitulo, sem outro castigo mais severo; porém que esta advertencia se extendesse tambem á madre cantora, com suspensão da obrigação de cantar no côro por occasião das festas da casa.

Com esta proposta não concordaram a abbadessa nem as mais religiosas, que opinaram por castigo mais rigoroso ás freiras confessas; e com a expulsão das seculares e leigas que se tornaram mais salientes no motim feito no côro, concordando todavia que aquella madre cantora fosse dispensada da regencia do canto-chão, para o que se achava inutilisada.

Este alvitre não agradou á madre Maria Josepha, nem ás freiras que haviam confessado ingenuamente a sua culpa; e d'aqui nasceu uma discussão animada e a discordancia na resolução a tomar sobre os castigos merecidos.

A madre abbadessa, verdadeiramente impressionada com estes successos, sentia-se tambem culpada por não ter convidado a madre Maria Josepha, antes da festividade, a de-

sistir do seu proposito de ir reger o canto-chão—naquelle estado em que se achava, e mesmo por não ter obstado a que ella se sujeitasse áquelle desaire, impondo-lhe silencio ou dispensando-a da obrigação do côro nas festividades.

Em capitulo nada ficou resolvido.

A abbadessa recolheu á sua cella para meditar no que lhe cumpria fazer em taes circumstancias, e as freiras alli se demoraram por algum tempo discutindo este acontecimento vergonhoso para o mosteiro, accusando algumas a abbadessa do seu pouco acerto das providencias da occasião—porque não podia mandar suspender a missa cantada, mas fazer retirar a madre cantora ou impôr-lhe o silencio obrigatorio, já que não havia obstado a tempo a que ella fosse reger o canto-chão.

Nesse dia e no immediato não se fallava em outra cousa no mosteiro, e as creadas tomaram o partido de suas amas; e algumas seculares, menos discretas, faziam côro com as culpadas naquelle desacato, e davam principio á intriga e maledicencia, que foi lavrando desapiedadamente, descobrindo faltas verdadeiras ou falsas umas das outras, em que incluiam tambem algumas religiosas.

Neste estado de cousas a abbadessa resolveu convocar novamente o capitulo, e com prudencia e circumspecção dar o castigo a quem o merecesse, e restabelecer a ordem e a disciplina no mosteiro.

Reunido o capitulo, expoz a necessidade urgente de pôr um freio á maledicencia que lavrava desenfreada de mistura com a intriga: castigar todos os erros passados com penitencias, e infligindo-os a si propria pela tibieza nas providencias mal cabidas ás circumstancias especiaes e de momento em que se viu compromettida: expulsar as seculares e leigas mais irrequietas, que por culpa sua maior desassocego e damno causaram na casa religiosa, se por seu arbitrio e vontade não quizessem d'alli sahir, o que importaria beneficio proprio, e sem o effeito de se lhes negar a entrada em outro convento, em que facilmente não seriam admittidas levando a nota de expulsas.

Ponderou a abbadessa: «Que a maledicencia, tomada em seu sentido lato, comprehendia todas as offensas contra a reputação, ou ellas se façam com verdade ou com mentira,

e ou consistam em propalar vicios ou deprimir virtudes, o que é o maior escolho da Caridade.

«Que não havia paixão mais baixa e de mais depravado gosto do que a da maledicencia e da intriga.

«Que não havia nenhum vicio mais repellido pelas sagradas letras, e exclamou: estas denunciam os maledicentes como abominação dos homens (Prov. XXIV, 9); representam a sua bôcca transbordando de malicia (Psalm. XLIX, 9); comparam a sua lingua á serpente que morde sem estrepito (Eccles. X, 11); consideram-na como um fogo devorador e como um mundo de iniquidade (S. Thiag. III, 5). Chamam sepulcro aberto á sua garganta, e dizem que a peçonha dos aspides se occulta debaixo dos seus labios (Psalm. XIII, 3); tratam-nos como entes já abandonados de Deus a um sentido depravado (S. Paul. ad Rom. f.º—28 e 30); mandam que nos não approximemos, mas fujamos sempre dos maledicentes.

«A maledicencia é condemnada por todos os textos dos livros santos, por todos os doutores da Egreja, e por todos os moralistas.

«Ella é capital inimiga da harmonia e da paz: companheira inseparavel da confusão: rompe as amizades, semeia as discordias, provoca as vinganças: tudo nella é damnoso. Ella devora as reputações mais solidamente estabelecidas, e ennegrece as que não póde devorar: possue a arte insidiosa de se introduzir com a intriga em toda a parte, e em toda a parte aonde entra ou por onde passa não deixa senão ruinas.»

A abbadessa ainda exclamou: «que S. Francisco de Salles escrevera que o detractor com um tiro envenenado da sua lingua faz tres mortes: mata a sua alma, a do que a escuta, e rouba a vida civil áquelle de quem mal se diz.

«Acabar com a maledicencia e com a intriga nesta casa é de imperiosa obrigação, que devemos a Deus e ao nosso santo instituto.

«Irmãs em Christo Senhor nosso, eu vos peço o vosso conselho para que a resolução a tomar seja um julgamento justo, e o castigo certo e proporcional entre o delicto e a pena applicavel.

«Oremos, pois, disse a abbadessa, para que Deus nos inspire neste julgamento.»

Invocado o Espirito Santo, concordaram todas as religiosas em que era urgente expurgar o mosteiro da maledicencia, da calumnia e da intriga que nelle lavrava desaforadamente, que convinha persuadir a madre Maria Josepha de que não podia continuar a reger e cantar no côro o seu canto-chão, e que os castigos infligidos ás delinquentes poderiam reduzir-se a penitencias com censuras canonicas, mediante o arrependimento e perdão pedido ás offendidas com retractação das confessas, porque assim ficariam apagadas as culpas com o proposito firme de emenda. Todavia algumas das religiosas descordaram do proposito da expulsão do mosteiro que a abbadessa propunha para as seculares e creadas, auctoras da assuada feita no côro da egreja á madre Maria Josepha, e cabeças de motim e das calumnias, intrigas e maledicencia que tantos damnos já haviam feito á reputação immaculada de algumas religiosas e leigas do mosteiro.

Estas linguas do inferno não pararam na sua obra destruidora da reputação alheia; e como que auxiliadas pelo espirito das trevas preparavam maiores escandalos e desassocegos no mosteiro por occasião da eleição da nova abbadessa, que estava para prestes, confiando demasiadamente na estimação que haviam recebido anteriormente d'algumas religiosas, e no voto d'aquellas que em capitulo se oppunham á expulsão.

As cousas corriam assim; e a madre abbadessa, cortada de desgostos e sem o vigor necessario para corrigir de prompto os abusos das audaciosas seculares e creadas, resolveu tomar conselho com o bispo diocesano, e dirigir o seu procedimento indeciso segundo fosse o bom juizo e parecer d'aquelle prelado.

Fez a sua consulta nos devidos termos, expondo os factos com toda a clareza e exactidão de verdade, e aguardou a decisão d'este pleito na parte em que algumas das religiosas discordaram da expulsão.

Não foi debalde o appello ao bispo conde D. Francisco de Lemos, que então regia a diocese conimbricense.

Este sabio e virtuoso prelado, condoido das agruras por que estava passando a bondosa abbadessa, e pela jurisdicção episcopal que lhe competia no mosteiro, dirigiu á abbadessa uma gravissima carta *monitoria*, em que approvou a proposta da abbadessa no capitulo, em toda a sua pleni-

tude, aconselhou a que logo e sem demora expulsasse do mosteiro as seculares e creadas que julgasse serem mais culpadas, e indignas de habitarem na casa religiosa, e todas as mais que por seu procedimento, maus costumes e falta de emenda devessem ser expulsas, sem necessidade de reunir o capitulo para semelhante fim; e que impozesse as censuras canonicas e penitencias que julgasse applicaveis com recurso ordinario, nos casos em que pelos sagrados canones podia haver reclamação com suspensão de castigo.

Escripto isto, levantou o illustradissimo bispo sua voz auctorisada, para lembrar á prelada do mosteiro as mais importantes e honrosas funcções de quem tem de julgar os seus similhantes, e escreveu:

«A Escriptura chama deuses aos juizes (Psalm. LXXXI, 1.º, Exod. XXI, 6, XXII, 28), porque, julgando as contendas dos homens, fazem na terra as vezes da Divindade.

«As noções do justo e do injusto são naturaes aos homens, são mais claras e mais ricas em alguns, mas nunca deixam de carecer de um grande e difficil desenvolvimento nos que têm de resolver questões muitas vezes embaraçadissimas.

«*Erudimini qui judicatis terram* (Psalm. II, 10), e eis aqui um dever absoluto.

«É necessario ter sciencia, porque a ignorancia de quem julga é o flagello das sociedades e a calamidade da innocencia, como disse Santo Agostinho. Amae a justiça vós que julgais a terra, diz a Escriptura (Sap. I, 1).

«Quem sentir o coração frio para a justiça, ah! não aspire á dignidade de sacerdote d'ella, não penetre no seu sanctuario, não vá com sua presença perturbar-lhe a paz e profanar-lhe os mysterios.

«Mas de que lhe servirá a sciencia e ainda o amor da justiça, se lhe faltar a firmeza, qualidade essencialissima a quem tem a seu cargo o julgar?

«Quem julga deve ter a fortaleza do rochedo, onde as ondas do mar batem sem o poder abalar.

«Os antigos reis do Egypto obrigavam os juizes a jurar que lhes desobedeceriam se os mandasse julgar injustamente, e a nossa velha Ordenação do Reino mandava que os juizes não fizessem obra por portarias, quando ellas não fossem conformes ás leis patrias; pois que é obrigação

sustentar inabalavel em suas mãos a balança da justiça, ainda com risco da propria vida. «Combatei, diz o Espirito Santo, até á morte pela justiça, e Deus combaterá por vós (Eccles., IV, 33)».

«Quando os vossos juizes forem rectos, nenhuma ambição, nenhum receio, nenhum temor nos deve fazer vacillar no julgamento com imparcialidade.

«Déseze, na defeza de Luiz XVI, lançando os olhos por toda a assembleia que tinha de o julgar, disse:—«Eu procuro entre vós juizes e vejo accusadores».

«Não via alli a imparcialidade!

«Os grandes juizes de Inglaterra permanecem sempre a tal distancia dos partidos, que nem exercem as funcções eleitoraes, o que, diz Benthau, muito tem contribuido para a reputação de que gosam; não se faz com isto offensa á magistratura portugueza, que timbra na boa e exacta administração da justiça, que deu em todos os tempos exemplos da sua grande hombridade; e a historia nos aponta o caso de um desembargador da casa da Supplicação haver votado contra o rei em uma causa civel que a casa real contendia com um moleiro; e sendo o desembargador chamado ao paço, alli com o maior desprendimento declarou a el-rei que não tinha justiça na causa com que vexara o seu vassallo; e el-rei, assegurando-se d'este julgamento, o louvou pela sua firmeza de caracter e imparcialidade, e o fez desembargador do paço, e mais tarde seu minisiro assistente a despacho. Tal é a virtude meritoria de quem bem julga.

«A religião e o temor de Deus são os mais solidos fundamentos da reputação de qualquer juiz, e o mais seguro abono do seu caracter incorruptivel.

«Se o temor de Deus e a religião o não guiam, é moralmente impossivel que as paixões o não extraviem.

«O temor do Senhor seja sempre comvosco, dizia o Santo rei Josaphat aos juizes que estabelecia para administrarem justiça em seu nome.

«Nos felicissimos tempos da magistratura os homens que mais nella se assignalavam eram religiosissimos; e muitos d'elles não o mostraram só por sua vida exemplar e por seus exemplos de piedade, mas por seus excellentes escriptos.

«Perante Deus, que nos ha de julgar, e perante a lei, com que julgamos somos todos eguaes, se o seu executor for homem religioso, porque para este não ha distincção de classes nem de individuos: o nobre, o rico, o pobre, o fraco e o poderoso são todos eguaes á sua vista.

«Orgão da lei, ouvirão da sua bocca decisões dictadas por uma sabia e profunda equidade, emanadas de sua superior capacidade natural, subtil penetração, e tacto proprio e seguro de que muito ellas dependem.

«Não façais esperar a justiça porque seria uma injustiça, como disse La Bruyere. É preciso conhecel-a com diligencia e administral-a com promptidão.

«Plinio, o moço, chamava á paciencia uma parte da justiça. A impaciencia é uma falta gravissima no juiz, como é a morosidade no julgamento, ou no julgamento com precipitação e sem a prudencia e discripção indispensavel.

«Irmã da paciencia, vem a outra parte da justiça — a affabilidade. Os juizes devem ter a probidade de Catão sem a sua austeridade e rudeza; mas que não degenere na franqueza impropria ou familiaridade excessiva e indiscreta, tendo sempre á vista o—*non audiendo extrajudicialiter*, que é um preceito salutar, como não dar assenso ás cartas de rogo, defezas pela velha Ordenação do Reino.

«Madre abbadessa de Cellas, eu vos exhorto a que appeleis sempre das vossas decisões para a vossa consciencia, e reflecti bem no que ella vos disser, e se forem com ella conformes, publicae-as, porque, se errardes, neste caso não vos desdoira o julgamento.

«Digna prelada, usae de todos estes conselhos com reflexão e discernimento quando julgardes as nossas subordinadas, e o fareis como deves esperar que Deus vos faça em seu julgamento, e a paz do Senhor será comvosco na vossa consciencia.

«Emquanto á suspensão da missa, de que fallais, só em caso grave e mui extraordinario — por motivo de profanação, sacrilegio ou desacato poderia ter justificação, antes da consagração ou depois da consumação, para ser acabada em outro altar ou na sachristia, quando o não podér ser aonde começada, e eu vos advirto de que as cousas de Deus e do regimen e manutenção da ordem e disciplina ecclesiastica não podem ser tratados com tibieza, mas com

prudencia e bom conselho; e por isso e pela vossa confissão e arrependimento fareis a penitencia em que a vossa consciencia se julgue alliviada, e outro tanto farão as religiosas confessas de que me fallaes, pela pouca caridade que tiveram para com a madre Maria Josepha nos seus exercicios do côro.

«Fareis ler pela madre escrivã esta carta pastoral a toda a communidade do vosso mosteiro, e tomareis assento do vosso julgamento no livro das penitenciadas.»

A abbadessa leu e releu a monitoria com a maior attenção, e no recolhimento da sua cella meditou profundamente sobre o julgamento, invocando o Espirito Santo para que a inspirasse no justo juizo de bem julgar.

No dia seguinte, depois da missa, ouvida mui devotamente, foi proferida a decisão na casa do capitulo, em que sahiram penitenciadas a madre abbadessa, as freiras confessas, tres meninas do côro, cinco seculares e treze criadas, e expulsas do mosteiro sete seculares e criadas, que tinham sido os sete peccados mortaes que alli tinham entrado e revolvido com as linguas do inferno aquella população, que esteve em grande perigo d'aquelle contagio, e da rebellião que iam preparando com tanto desastre e damno de reputações immaculadas das religiosas e leigas do mosteiro.

Ás expulsas deu a abbadessa tres dias de espera, para dentro d'estes sairem do mosteiro com aviso a suas familias, e ordenou que até então ficassem incommunicaveis da outra gente que nelle existia, e vigiadas por tres religiosas das mais respeitaveis.

Libertado o mosteiro das linguas da maledicencia, da calumnia, intriga e desassocegos que o minavam em seus piedosos fundamentos, seguiram-se os perdões com o arrependimento sincero; e cumpridas as penitencias, toda aquella população deu graças a Deus, e louvou a justa decisão da madre abbadessa D. Ritta de Mello Fagundes, oriunda da nobre casa do morgado de Cannas de Senhorim.

Pouco tempo depois os padres capellão e procurador do mosteiro, que eram frades d'Alcobaça, foram substituidos por outros que já alli haviam estado muito a contento das religiosas, e a paz do Senhor voltou ao mosteiro de Cellas.

XVII

A administração financeira do mosteiro

Vamos mostrar ao leitor como alli se equilibrava a receita ás despezas, com previdencia e circumspecção, e olhos fixos nas eventualidades futuras.

O orçamentalista era o frade procurador da casa, que tinha a seu cargo pesar com o fiel da balança orçamental os rendimentos com as despezas obrigatorias, bem e de maneira que, sendo possivel, houvesse algum sobejo para o fundo das reservas, chamadas da economia, a servirem ao orçamento rectificado no caso de faltas, que as havia muitas vezes.

Era isto o que se chamava bem governar, e pelo que o frade procurador tinha direito a uma propina, arbitrada pela madre abbadessa, que ordinariamente consistia em um presente de doces com um perú, acompanhado de uns bentinhos, por occasião da festa a S. Bernardo, e em que tambem recebia á grade da madre abbadessa os seus comprimentos e agradecimentos, de mistura com o seu chá e bolos, em que a madre tomava parte com a prioreza á vista.

Este orçamento, para sua validade, precisava da approvação da abbadessa, que o apresentava á sancção das outras madres em capitulo.

Damos na sua integra um d'estes orçamentos, feito no seculo passado, e copiado do original.

É um documento curioso pela parcimonia das despezas, calculadas sobre os rendimentos da casa naquelle tempo, em que no anno a que se refere não houve subejos mas um deficit importante, e pelo que o padre procurador não recebia nem a propina nem o agradecimento da abbadessa, encobrindo os rendimentos não cobrados, se porventura havia as falhas ou esperas.

Eis o documento orçamental proposto, copia do orçamento do mosteiro:

Despeza que se ha de fazer

Dando quatro dias carne ás religiosas em cada semana, ás que hoje existem que são 106, e peixe e ovos no dia de jejum, se gasta em cada anno a quantia de . . . . 1:328$580

Para as leigas das 106 religiosas dando-lhe só 5 réis, como se costumava dar, são necessarios . . . . 193$980

Para pão das 106 religiosas, dando a cada uma 30 réis cada dia, é necessario em cada anno . . . . 1:163$880

Sommam seis mil cruzados duzentos e oitenta e seis mil e quatro centos e quarenta réis.

Dando aos padres os dois arrateis de vacca e peixe, tudo como até agora se lhes dava, e como lhes arbitrou o Reved.[mo] Pro.[r] Fr. Bento de Mello, são necessarios em cada anno . . . . 132$040

Para os medicos, fóra dois moios de milho . 24$000

Para as criadas da ordem que hoje existem, de soldada e convites são necessarios. . . . 33$840

Ao lavrador, fóra 12 alqueires de milho, em dinheiro. . . . . 24$000

A dois hortellões, fóra 1 moio de milho, que se dá a cada um, em dinheiro. . . . . . 14$400

A dois moços da Festaria, e de acompanhar. 24$000

Ao cirurgião, fóra o milho que se lhe dá, em dinheiro. . . . . 6$000

Aos padres procuradores geraes e sollicitador da cidade de Coimbra . . . . 22$400

Ao ferrador. . . . . 6$400

Ao barbeiro. . . . . 4$000

Ás lavadeiras da ordem e moça das grades . 17$980

Para missas de legados . . . . 50$000

Para reparos do mosteiro, gastos da botica, e sacristia. . . . . 125$360

Para demandas e jornadas. . . . . 160$000

3:330$860

São oito mil cruzados cento e trinta mil oito centos e sessenta réis.

Transporte	3:330$860
Para as consoadas do Natal e Nosso Padre S. Bernardo	116$600
Para sermões de todo o anno.	38$400
De Tenças que se pagam	57$800
Somma.	3:543$660

Rendas a dinheiro

Renda de Figueiró	1:200$000
Eyras	676$500
Lobazes	280$000
Féteira.	120$000
Tóbim	20$000
Montedeves.	12$800
Azenhas de logar novo Eyras.	80$000
Juros.	404$918
Foros sabidos a dinheiro.	130$000
De azeite de foros sabidos	47$000
De sal	5$400
Somma.	2:976$618

De trigo de rendas e foros, alqueires	466
De milho e cevada de rendas e foros, alqueires	1201
De azeite dos lagares ás safras, alqueires . .	600
Paga-se do milho aos medicos, letrados, cirurgião, juiz executor, hortelões, lavrador, sollicitador, e esmolas de Endoenças, offertas a S. Braz, á irmã Eugenia, criadas e foros, alqueires	473
Para as cavalgaduras, alqueires.	366
Que abatidos da conta acima ficam livres, alqueires	362

Tem este mosteiro de recibo em dinheiro . .	2:976$618
Ha de dispender na fórma determinada neste papel.	3:543$660
Excede a despeza ao recibo em.	567$042
Meio alqueire de trigo a 106 religiosas cada semana imposta e no mez 216 alqueires, e no anno em 2544 alqueires que comprados a 300 réis importa em	763$200

XVIII

A extincção das ordens religiosas

No principio d'estas memorias dissémos que só Deus é grande, e que depois de Deus — só é grande a virtude. Agora vamos concluir estas memorias dizendo que só Deus é immutavel nas obras da sua creação.

O filho de Deus se fez homem, e veio ao mundo ensinar aos homens doutrinas novas, cheias de amor e de ineffavel doçura, fallando ao coração humano no seu affecto sentimental.

Em nome do Deus desconhecido foram essas doutrinas prégadas, e ouvidas de muitos que as abraçaram.

A religião do Crucificado teve proselytos, que deram testimunho do Homem-Deus, e da santidade da palavra divina, que derramou abundante com o balsamo de consolação nas tristezas da vida presente, com a promessa da bemaventurança eterna na vida futura.

«Amae-vos uns aos outros, como eu vos amei.»

Foram estas as derradeiras palavras, que aos homens deixou escriptas em seu testamento.

Consummou-se o sacrificio, e ficaram na sua Egreja os remedios para todos os males da vida atribulada.

A semente, lançada á terra, germinou na ceara do Senhor a ser colhida pelo genero humano, na ideia grandiosa de serem muitos os chamados e poucos os ceifeiros escolhidos para lhe colher o fructo.

Deu aos homens a liberdade para a escolha do bem nas suas doutrinas, sem a força nem a coacção para as implantar no seu coração.

Quiz apenas a convicção para a colheita do fructo semeado.

Existe um Deus; e existe uma religião que é o culto do verdadeiro Deus; e a Egreja—a arca santa em que arde o fogo sagrado de seus mandamentos, immutaveis como ella até á consummação dos seculos.

Depositarios da arca santa da fé ardente nas suas palavras divinas, ficaram os apostolos e os successores.

Os frades e freiras não foram feitura de Christo nem dos apostolos; mas, segundo alguns theologos e historiadores, as casas religiosas foram lembradas pelos fieis em memoria dos Apostolos, que por occasião da transfiguração de Christo no monte Thabôr, perguntaram ao Divino Mestre se alli deveriam erigir os tres tabernaculos, derivada esta lembrança de um que alli existiu nos primeiros tempos da Egreja, depois de outros cenobios em que os fieis se recolhiam nas alturas das montanhas da Syria e da Palestina, para com mais desafogo se entregaram á fervente oração e penitencia.

Do oriente passou para o occidente esta pia devoção, e appareceram então as casas religiosas em sua genuinidade e singeleza, a que se acolhiam os crentes para a oração e praticas da religião do Crucificado.

Na Lusitania houve ermiterios e cenobios d'esta especie; mas com a fundação da monarchia portugueza o grande Affonso Henriques, unindo a sua boa espada á cruz, batalhava dia e noite contra os infieis da fronteira, com a fé viva na crença do Crucificado. Eil-o no valle em que hoje assenta a quinta do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra em praticas muito amigas e familiares com Theotonio, para o ajudar pela oração a vencer com o auxilio do céo os inimigos da sua fé, e a planear a edificação d'esse mosteiro gigante, que com sua torre de ameias vemos levantado em honra de Deus e do seu glorioso fundador, que de lança em riste lá vai caminho de Santarem, com poucos mas esforçados cavalleiros, para a conquistar aos mouros, em empreza tão arriscada, que sem o favor do Deus das batalhas seriam baldados os esforços.

Na cumeada da serra de Albardos acampa e conta as hostes que o seguem, vê o pequeno numero da companha, e o desanimo para a tomada da muralhada Santarem em posição tão difficil de bom successo; mas elle pede e invoca o poder de Christo por quem ia batalhar, faz promessa á famosa ordem de Claraval de lhe dar todas as terras que d'alli, do alto d'aquella serra, se avistavam até ao mar; e «avante, cavalleiros, que Deus é por nós nesta faina de vencer!», assim exclamou.

A forte e formidavel Santarem cahiu nas mãos dos christãos; e Affonso, o vencedor, volta a Coimbra, deixando um

marco no proprio logar da promessa, onde mais tarde se levantou o arco da memoria, que ainda por memoria lá existe, com a figura do guerreiro Affonso que o encima, e o soberbo e majestoso mosteiro de Alcobaça foi erigido á ordem de Cister com todas as terras promettidas, que formaram os 13 coutos do mosteiro.

Assim se foram propagando as ordens religiosas com seus mosteiros e conventos, memorando os feitos gloriosos das armas portuguezas, ou a piedade christã dos reis, fidalgos e cavalleiros, ou a devoção de particulares, e mesmo ainda levantados á custa de esmolas do povo christão e magnanimo.

Aos mosteiros e conventos chamavam-lhes casas de Deus, e na perpetuidade da religião quizeram os nossos passados perpetuar a sua devoção.

As suas construcções eram geralmente magnificas pela sua solidez a resistirem aos seculos em sua duração.

Parecia que immutavel seria a vontade dos homens na perpetuação das casas religiosas de ambos os sexos.

Depois de quasi sete seculos de existencia alguns d'esses colossos, ainda resistentes á acção do tempo, baquearam com seus habitadores á mudavel vontade dos homens!

Immutaveis são só as obras de Deus na sua creação. As dos homens não são persistentes nem duradouras.

Justos e santos foram os intuitos da sua fundação, e virtuosos e sabios foram alli muitos dos devotados a Deus para a colheita do fructo da sua ceara.

No correr veloz do tempo chegou o anno de 1834, e á voz dos homens cahiram as ordens monachaes.

Os frades foram secularisados, e despedidos dos seus mosteiros, conventos e collegios!

As freiras ficaram, mas com a prohibição de novas profissões, aguardando a morte que as havia de extinguir.

Descrever as scenas patheticas e angustiosas que então se viram seriam para penna mais bem aparada e auctorisada do que a de quem escreve estas memorias.

Em todas as sociedades, por mais bem organisadas, ha sempre que escolher.

Para alguns a extincção das ordens religiosas foi indifferente; mas para outros, os bons ceifeiros, a extincção do seu instituto foi mui penosa.

Ao leitor curioso apontamos o bello escripto de fr. Francisco de S. Luiz — *Considerações ácerca da extincção das ordens religiosas,* em que com mão de mestre, e testimunha ocular, descreve as dores cruciantes que affligiram os devotos conegos regrantes de Santo Agostinho na hora extrema do apartamento do seu velho mosteiro.

Anciãos decrepitos, cortados de soffrimentos pela edade provecta, e pelas doenças, apanagio d'aquellas edades, suffocados em lagrimas de saudade da ordem que iam deixar, e do mosteiro em que viveram e esperavam dar o ultimo suspiro da vida, preferiam alli acabar na violencia da sua paixão!

Outros, expulsos quasi á viva força, sentados á portaria do mosteiro não se atreviam a separar-se do seu querido e amado recolhimento, e alli penavam as culpas de muitos, que foram a causa da extincção das ordens religiosas!

As scenas eram de prantos, lamentações e dôres!

Era necessaria a resignação para tantos que do coração se entristeciam naquella conjunctura.

Passaram as impressões dos primeiros dias d'esse luto terrivel.

A virtude, o principal e mais precioso ornamento do homem, possuiam-a muitos dos expulsos e a tinham no coração.

Sua companheira inseparavel nos dias de paz e de ventura, não os abandonou nos dias da amargura e da provação.

Receberam resignados o golpe que os havia ferido; fortalecidos pela fé ardente de Christo na adversidade; esta não os abateu, mas elevou-os na lucta do espirito com o decreto real que lhes dava a ordem de despejo das casas religiosas, que até então presumiam pertencer-lhes por direito proprio e consuetudinario.

A estes, que andaram sempre pelo caminho recto do justo, por onde Deus os havia conduzido, pareceu-lhes, como em sonho vigil, que a extincção das ordens religiosas, seria beneficio para alguns confrades, mas castigo duro e immerecido para muitos, observantes da regra do seu santo instituto, e diziam:

—«Se este precisava de reforma em sentido mais consentaneo com as novas ideias da epocha pelo que respeitava ao temporal, e se era necessario expurgar do seio da religião

os que alli faziam mais damno do que serviço a Deus e aos homens, secularisassem estes, e deixassem aquelles no seu labor em pró das sciencias que professavam, e para o serviço da patria e da humanidade, que por sua piedade e desprendimento das paixões mundanas podiam, á imitação dos antigos frades, ir desbravar terrenos e cultivar alli a ceara do Senhor em nossas colonias, onde a sua presença fôsse tambem necessaria á salvação das almas e á civilisação.»

As nobres e elevadas aspirações d'estes obreiros não poderam ser ouvidas, e só lhes restava a resignação, e esta foi o balsamo suave com que curavam e cicatrizavam as feridas que dilaceravam o seu coração de religiosos, e os amparou na adversidade.

Eram homens de sciencia, de consciencia pura, que adoravam os decretos de Deus; e assim consideravam, por sua piedade, o decreto real da extincção das ordens religiosas. Mas porque eram homens, sentiram tambem as luctas que occasionaram similhante desastre; e foi nestas luctas, neste fogo lento, neste crisol, que a Providencia tinha resolvido acabar de purificar as suas virtudes, sacudindo o pó da sua passagem pelo mundo, deram ao ceo um espectaculo digno d'elles, como a respeito de um varão illustre disse um dos maiores ornamentos da tribuna sagrada da nossa terra.

XIX

A extincção do mosteiro de Cellas

Nasceu triste e carregado de nuvens sombrias e caliginosas o dia, em que chegou ao mosteiro a pastoral do bispo conde annunciando á abbadessa a suppressão da profissão religiosa, e a extincção do mosteiro para depois da morte da ultima freira existente, permittindo-lhes todavia até então o usofructo dos bens e rendimentos do mosteiro.

Nesse dia o ar era pesado e suffocante, e a propria natureza infundia terror e melancolia.

Parecia que o phenomeno natural presagiava sinistros naquella casa.

O tempo era de guerra fratricida, em que se immolavam milhares de victimas no altar da patria afflicta.

A mão de Deus pesava sobre todos — bons e maus — como o sol que allumia a todos; e as hostes de irmãos, inimigos, diziam que pugnavam por seu Deus e Portugal.

Cada bando de irmãos tinha a sua crença e a sua convicção arraigada na fé da causa que defendia.

De que lado estaria a razão e a justiça d'essa causa que pleiteavam com as armas?!

Felix qui potuit rerum cognoscere causas, diziam elles.

Fujamos d'este ponto embaraçado, e não fallemos nem dos vencidos nem dos vencedores.

Nessa crença de christãos fique cada um com as suas convicções, de que não apreciamos o valor.

As boas louvam-se, as ruins lamentam-se; mas insulto não se faz a nenhumas.

As tristezas da patria haviam de chegar tambem ao mosteiro de Cellas, e chegaram naquelle dia tristonho por aquella pastoral do bispo conde, que aconselhava as religiosas á resignação com a vontade de Deus.

Estas, quaes pombas immoladas tambem no altar da patria, receberam a pastoral do prelado com a resignação propria do seu estado; e usaremos agora aqui das proprias palavras de um orador sagrado de nome illustre da nossa terra, para significarmos melhor o grande poder da virtude que acompanhava as religiosas de Cellas.

«Ao mando de Deus, a adversidade que móra ao pé da fortuna, sahiu um dia de sua casa, deu tres passos, bateu á portaria do mosteiro, entrou e disse ás freiras: «Sabeis o que são decretos de Deus? Por decreto d'Elle venho aqui para vos acompanhar até á morte!» Nesse dia, a fortuna voltou as costas ás freiras, e deixou-as a braços com a adversidade.»

É lei do mundo!

Quando a adversidade entrou no mosteiro, e a fortuna sahiu, a virtude das religiosas não se retirou.

Resignaram-se com o decreto da Providencia, e não succumbiram com os revezes da desgraça.

Aprouve á Providencia pesar o quilate d'essa virtude christã nas religiosas de Cellas, e para as tentar mandou

a fome ao mosteiro. Esta entrou em 1834, por decreto dos homens, que extinguiu os direitos reaes — rações reguengueiras — teigas d'Abrahão, e outras velhas pensões que em grande parte constituiam os rendimentos do mosteiro real; e se ainda não fosse bastante este decreto penatorio para o mosteiro, chegou mais tarde em 1846 a lei dos foraes para acabar, na confusão da voz da lei, o remate da incerteza dos direitos do mosteiro áquellas pensões, que eram uma parte do seu sustento e manutenção.

Veio primeiro a sêde da justiça, as demandas com os foreiros que se negavam ao pagamento d'essas pensões, e eis as freiras envolvidas em tantos pleitos que fizeram, por suas despezas avultadas, escacear alli os meios de subsistencia; e o rico sacrario de prata que o mosteiro possuia, e era uma preciosa reliquia dos dias da abastança da casa, foi vendido para sustentar as demandas!...

Corria incerta a decisão dos tribunaes, e em sorte varia segundo a interpretação dada áquelles diplomas legislativos, e a fome chegou ao mosteiro, sem embargo dos esforços do habilissimo advogado e insigne jurisconsulto dr. Migueis da Fonseca, e do zeloso procurador do mosteiro Manuel Rodrigues d'Almeida, pae do ultimo procurador José Maria d'Almeida.

As freiras, a braços com a fome em casa, não sossobraram, e viviam resignadas com ella, porque a virtude, sua fiel companheira nos dias da ventura, as não desamparou nos dias do infortunio.

Agora, leitor, ides vêr o valor do quilate da sua virtude tentada pela fome!

Não se ouvia uma imprecação contra o ceo, uma lamentação indiscreta, porque na paciencia e na resignação estava com ellas a paz do Senhor.

Amestradas no fabrico dos dôces, com suas antigas e leaes servas, reccorreram a esta arte para por ella alcançarem os meios de viver e de sustentar, ao lado da fome que as affligia e a toda a população do mosteiro, o seu santo instituto!!

Velhas e alquebradas pelas doenças, lidavam dia e noite naquelle fabrico, sem faltar aos exercicios religiosos e obrigações do côro, e assim viveram estas santas mulheres nos dias da adversidade, que as acompanhou até á morte, e

pôz o remate ao seu longo e penoso soffrimento, sem que a virtude as desamparasse até ao ultimo dia.

Leitor, quereis tambem saber o que faziam as religiosas de Cellas, quando a adversidade lhes entrou em casa?

Acompanhae-me, em espirito, nas azas do pensamento, até ao côro da egreja do mosteiro, e lá as encontrareis a encommendarem-se a Deus, e em devota oração a procurarem os remedios celestiaes para a patria consternada no lucto de muitos de seus martyres!

Escutae! e as ouvireis cantando ao som plangente do orgão os psalmos penitenciaes de David e sobre todos o *Miserere.*

Reparae bem nellas, e vereis que nas tristezas da adversidade acharam a resignação, e na consciencia pura de deveres religiosos bem cumpridos, estava com ellas a consolação na esperança da vida futura.

Depois acompanhae-as até ao venerando claustro, logar sagrado das sepulturas de suas irmãs defunctas, e ouvi as suas exclamações como de voz saida da eternidade. Escutae bem as suas palavras lamentosas, que dizem: «Os dias d'este mosteiro estão contados; e está escripto no livro do destino das cousas do mundo que chegará um dia em que aqui não ficará pedra sobre pedra, e ninguem saberá o logar da jazida de nossas irmãs, nem das nossas, que aqui pisamos as lages que escondem seus restos mortaes! A vida é um dia, e não tardará, que nem ellas nem nós outras, que aqui estamos agora, tenhamos quem aqui venha dirigir uma prece a Deus pelo seu e nosso descanço eterno, porque chegará tempo em que as boas almas christãs não saberão do sitio da nossa jazida! Este claustro — o campo santo do nosso mosteiro—, abalado pela acção dos seculos, cahirá em completa ruina, e não ficará aqui um marco milliario para memorar a nossa passagem neste retiro das cousas do mundo! Oremos por ellas e por nós, que o tempo é pouco e passa depressa! Umas apoz outras aqui ficaremos, e adeus até logo, irmãs defunctas, porque a profissão religiosa acabou por vontade dos homens, e comnosco acabará este mosteiro de tantas recordações saudosas!»

Leitor, tu que me acompanhaste até aqui, faze commigo um voto, uma supplica... para que a mão dos homens

não derrube o claustro do mosteiro, e o conserve como monumento historico de antigos tempos, e em respeito ao pó abatido de tantas centenas de religiosas, que esperam alli a resurreição final. És christão, e basta para que unas o teu ao nosso voto sincero, de que se guarde em respeito o campo santo dos mortos.

Se o claustro fôsse meu, conservava-o, não tanto pela reliquia da arte antiga que encerra nessas arcadas em redor, como pela memoria de tantas devotadas a Deus, que alli dormem o somno dos justos.

E o mosteiro acabou pelo fallecimento da ultima freira, a sr.ª D. Maria Felismina, sua ultima abbadessa, religiosa de muita bondade de coração e de acrisoladas virtudes.

O vasto edificio foi incorporado nos proprios nacionaes, e entregue á guarda da antiga leiga do mosteiro, Maria Delfina, que foi a ultima das ultimas, que entre soluços e lagrimas o viu acabar e ia deixar.

Depositaria das chaves do edificio, guardava este deposito com inexcedivel cuidado.

Venerava aquellas vetustas paredes, não consentia que alli entrasse pessoa alguma sem ter licença escripta do delegado do thesouro, que lh'o entregara á sua guarda, e acompanhava os visitantes para evitar qualquer damno que suspeitava lhe podessem fazer.

Para sua habitação lhe foi dada a casa da grade das antigas abbadessas e outras no edificio; e alli tem vivido ganhando o pão de cada dia no fabrico dos dôces.

A egreja com o seu côro, sacristia, casa de capitulo e do ante-capitulo — com parte do mirante e relogio do mosteiro, foram concedidos pelo governo á irmandade de Nossa Senhora da Piedade, para alli exercer, como exerce, o culto divino.

O edificio do dormitorio novo com o noviciado, enfermarias e mais casas annexas, com o cerco de fóra e outros terrenos, foram concedidos á junta geral do districto de Coimbra, com destino a um hospital ou instituto de beneficencia publica.

O celleiro da ordem com a casa da torre e a do cartorio do mosteiro, foram entregues á junta de parochia de Santo Antonio dos Olivaes, para alli levantar um edificio para escolas d'ambos os sexos.

Ex.mo Snr, e meu respeitavel am.o

[N]os ocios de ferias escrevi as memo-
[r]ias do mosteiro de Cellas, em Coim-
[br]a, e quiz dar-lhe a forma de ro-
[m]ance historico e escrevel-as no
[s]tylo do seculo 16; mas afinal, [illegible]
[...]quei o meu intento, e só pude con-
[seg]uir a narrativa que vae n'este meu
[l]ivro composta á custa de trabalhos e
[p]aciencia para a variada leitura re-
[co]lhida de tantas escriptas e historias
[ve]lhas e revelhas.

[T]omo a liberdade de offerecer a V. Ex.cia
[u]m exemplar d'ellas, como testemunho
[da] minha estima e do maior respeito
[qu]e consagro cordialmente a V. Ex.cia, pela
[su]a amabilidade para commigo, e pela

superior illustração e talento que
o distingue tanto em jurisprudencia
como em literatura.

Desejando sinceramente a saude
e venturas de V. Ex.cia subscrevo-me
com a mais subida considera
ção

De V. Ex.cia

Servo am.o e muito obrig.do

Casa de V. Ex.cia
Estrada da Pedra
de França n.o
155-154-
9-9bro 92

José Maria de Andrade

Aproveito a occasião de offerecer a Ex.ma
sta nossa Casa - palacio que foi dos Vis-
condes da Bella Vista á Penteado - -

O claustro do mosteiro com as casas que se comprehendem no seu quadrilatero, e dormitorio velho e a portaria, ficou reservado para ser conservado como monumento nacional.

Tudo o mais foi vendido em hasta publica, em cumprimento das leis da desamortisação dos bens das corporações religiosas.

Assim acabou o mosteiro de Cellas, que existira por mais de seis seculos.

O claustro de Cellas

Corre por alli impresso um escripto assim intitulado.

E um opusculo curioso e erudito, em que o seu auctor desenvolveu vastos conhecimentos da historia das bellas artes.

Por abstracção formulou alli um libello—uma sentença e uma appellação, com um pedido á imprensa.

No libello são réos—o ministro da fazenda, o Instituto de Coimbra e um desembargador.

Na sentença figura a condemnação de todos tres á luz da critica que illumina o quadro symbolico da architectura da epocha de D. Diniz.

Na appellação parece-nos vêr o mesmo erro fulminado na condemnação, com o pedido da remoção dos restos truncados do monumento para o claustro da Manga em Santa Cruz.

Accusa o ministro, porque deu ao Instituto o que lhe não podia dar — os capiteis das columnas do claustro de Cellas, porque deveria conservar esse todo harmonico e unido da arte architectonica do reinado de D. Diniz, como um livro de memorias de historia da arte nacional escripto em pedra; ainda com a aggravante de deitar ao monturo as outras pedras fundamentaes d'essa preciosidade a titulo de cumprimento das leis da desamortisação dos bens nacionaes sem respeito pela historia de pedra do seu paiz.

Accusa o Instituto, porque só pediu os capiteis, sem lembrar que estes, desaccompanhados das outras pedras fundamentaes do monumento, são como a folha d'um livro de sciencia em materia essencial, que, arrancada, falta para a lição de historia instructiva dos cultores d'essa sciencia.

Accusa o desembargador, porque, de mãos dadas com o Instituto, fez mau uso da influencia e poder com que o auctor do opusculo o revestiu, para a consummação do arrancamento d'aquella folha do livro de memorias em pedra.

A sentença foi dada sem ouvir a defeza (naturalmente por ser accusação sem defeza possivel), mas em todo o caso os reus foram condemnados por terem aquellas culpas no cartorio da critica scientifica, sem attenção á attenuante de o ministro e de o desembargador não serem archeologos nem architectos, e aos descuidos da secção de archeologia do Instituto, e ser um facto que na partilha do erro ninguem póde assignar termo de abstenção d'essa herança a que o escriptor parece querer exemptar-se.

A sentença ainda não passou em julgado, porque d'ella foi appellação para o tribunal da imprensa, e este poderá tomar conhecimento da defeza e apreciar, se todos ou alguns dos réos podem ou devem ser absolvidos e relevados de culpa e pena.

O appello á imprensa leva tambem como objectivo a adjudicação das bellas arcadas do convento de Cellas para serem armadas com as suas pertenças de pedras fundamentaes no claustro da Manga em Santa Cruz.

Se assim é, teremos a imprensa a condemnar, em ultima instancia, o auctor do libello, porque accusou o Instituto de arrancar d'aquelle livro de pedra uma folha preciosa, e quer agora levar esse livro truncado para Santa Cruz, quando deveria pedir á imprensa ajuda para poder levar para o Instituto toda essa obra de pedra, e levantar inteiro o monumento no seu museu em qualquer parte accommodada a esse fim.

Neste pedido haveria coherencia, e brilharia a justiça da sentença publicada, de que o monumento será perfeito e expressivo por inteiro no seu todo completo para o estudo da arte nacional d'aquella epocha.

Emquanto ao joio semeiado no pó dos seculos do monumento, esse não germinou, porque cahiu em terreno safaro, onde não prosperam as virtudes moraes nem sociaes.

Concluimos abraçando só a doutrina *sã* que encerra o bem escripto opusculo, e a esta parte unimos a nossa debil voz, e fazemos votos sinceros para que no claustro de Cellas permaneça esse marco milliario, que atteste aos vindouros o logar santificado pela virtude de muitas religiosas alli devotadas a Deus, e que é tambem ao mesmo tempo um padrão da arte nacional alli levantado á piedade christã.

Mas, se alli não podér ser conservado por motivo de

estudo em escola de bellas artes ou, para melhor exposição, em local mais apropriado na terceira cidade do reino, neste caso, a quem foram dados os capiteis pertencem tambem as restantes pedras da ornamentação do monumento, como parte integrante da sua concessão.

Parece assim natural e logica a interpretação que se deva dar, em sua letra e espirito, á portaria regia d'essa concessão, ou de outra; o caso essencial será ficar tudo em um só corpo. Não será assim?

Em defeza officiosa.

Lisboa, 15 de julho de 1891.

José Maria de Andrade.

D'um erudito artigo, escripto pela penna auctorisada do sr. Joaquim de Vasconcellos, transcrevemos os seguintes periodos:

«No mosteiro existe um claustro da epocha de D. Diniz (1279-1325), que é uma reliquia de primeira ordem, e talvez unica como documento historico e como specimen architectonico de excellente conservação. Seiscentos annos passaram por esse claustro venerando, adornado de preciossimos capiteis; em que a devoção e a pericia dos artifices medievaes nos legaram um poema cheio de sentimento e de belleza. Dos quatro lanços da primitiva fabrica restam apenas dois, que seriam considerados, mesmo nos paizes mais ricos de monumentos, como joias de arte; os outros dois, de data muito mais recente, attestam apenas a pobreza de ideias dos modernos architectos: renascença núa e pobre.

«Extincto o convento ha uns dez annos, o claustro veio á luz novamente, e causou a maior surpreza. A arte christã encontrou nos capiteis de Cellas os passos da vida da Virgem e de Christo, as lendas do *Flos sanctorum*, inter-

pretadas com a crença ingenua, mas inspirada e sinceramente humana, que cobriu de lavores preciosos os nossos mais antigos templos: Paço de Souza, Leça de Balio, Pombeiro, Villar de Frades e tantos outros. O archeologo e historiador acharam nas esculpturas de Cellas as scenas, os trajos, as armas, os costumes, emfim a militar que se retrata poeticamente nos Cancioneiros do grande rei, que foi poeta, artista e *lavrador*.

«Quando vimos e admirámos esses formosissimos capiteis pela primeira vez, acudiram-nos logo á ideia as bellas illuminuras do Cancioneiro da Ajuda, chamado de D. Diniz. Pôr o claustro de Cellas em praça é o mesmo que vender esse inestimavel pergaminho ao primeiro judeu da rua.

*
* *

«O que significam os capitaes sem o fuste e sem a base?—para a arte, para a historia, para o estudo? Onde ficam os arcos? Onde o embasamento, que caracterisa a planta geral do claustro e a ideia primordial do architecto?

«É assim que se respeita a arte e a sciencia? É assim que o Instituto consente em uma mutilação vandalica?— Porque tanto vale acceitar os capiteis d'esse formosissimo claustro, separados brutalmente do seu organismo, como acceitar a cabeça de uma estatua separada do seu tronco.

«Não queremos crêr, para honra do Instituto de Coimbra, que elle consinta, que elle se associe, ainda que indirectamente, pelo silencio, a similhante attentado!»

SUPPLEMENTO

ÁS

MEMORIAS DO MOSTEIRO DE CELLAS

SUPPLEMENTO

ÁS

Memorias do Mosteiro de Cellas

No archivo dos extinctos conventos de Coimbra não appareceu ainda o livro do assentamento da eleição das abbadessas e priorezas do mosteiro de Cellas, mas foi encontrado casualmento um outro livro manuscripto pelo capellão do mosteiro frei Bernardo d'Assumpção; em que relacionou os nomes das abbadessas d'este mosteiro desde o anno de 1268 a 1662, a que deu o titulo de Compendio de toda a fazenda do mesmo mosteiro.

As abbadessas são as que seguem:

Relação das abbadessas eleitas no convento de Santa Maria de Cellas extrahida do livro manuscripto chamado «Compendio de toda a fazenda d'este real convento de Santa Maria de Cellas—1651»

No anno de 1228 já havia abbadessa neste convento, que consta de escripturas que encontrou o auctor d'este livro, e assim o declara.

D. Elvira Loba, até 1268.

D. F., de 1272 até 1280 e tantos.

D. Elvira Lopes, de 1302 até 1317.

D. Alda Laurenci, de 1317 até ao tempo de D. Maior Fernandes, 1329.

D. Maria Fernandes, 1330.

D. Domingas Esteves, 1340.

D. Tereja Remondo, 1343 (governou 10 annos).

D. Constança Lourenço (governou 7 ou 8 annos).
D. Guiomar Mendes, 1352 (governou 4 ou 5 annos).
D. Aldonça Anes (governou 5 ou 6 annos).
D. Domingas Esteves, 1371.
D. Sancha Cogominha, 1372 até 1379.
D. Branca Fernandes (governou 2 annos e alguns mezes).
D. Domingas Esteves, 1380 (6 annos, pouco mais ou menos).
D. Constança Regadas, 1386 (27 annos de governo).
D. Tereja Regadas (irmã da precedente), 1412 (22 annos de governo). Eram naturaes de Santarem.
D. Beatriz de Bairros, 1435 (10 ou 11 annos de governo).
D. Guiomar Nunes, 1446.
D. Leonor de Bairros, governou 19 annos.
D. Beatriz Alvares de Bairros, 1467.
D. Beatriz de Eça, 1468 (21 annos).
D. Catharina de Eça, 2 annos e alguns mezes.
D. Filippa de Eça, 11 annos.
D. Beatriz de Athayde, 1499.
D. Leonor Nogueira, 1500.
D. Micia da Costa, até 1509.
D. Margarida de Eça, até 1521, em que foi eleita para governar o convento de Lorvão.
D. Leonor de Vasconcellos, filha dos condes de Penella, 1522 a 17 d'agosto de 1530, em que falleceu.
D. Maria de Tavora, 1541 até 5 de novembro de 1572, em que falleceu.
D. Leonor Coutinho, 1572 até 12 ou 14 de novembro de 1576, em que falleceu.
D. Elvira de Noronha, de 1576 até 24 de janeiro de 1615, em que falleceu.
D. Filippa de Tavora, desde 6 de fevereiro de 1615.
D. Joanna de Lafeta, 1618.
D. Lourença de Tavora, 1621.
D. Maria Manuel, 1624.
D. Catharina de Lafeta, 1627.
D. Lourença de Tavora, 1630.
D. Maria Manuel, 1633.
D. Lourença de Tavora (eleita 3.ª vez), 1636.
D. Francisca de Vilhena, 1639.

D. Maria Magdalena da Silva, 1642.
D. Maria Manuel (eleita 3.ª vez), 1645.
D. Maria de Mendonça, 1648 (a 28 de maio).
D. Cecilia de Eça, 1651 (a 1 de junho).
D. Maria Magdalena da Silva, 1654 (a 1 de junho).
D. Francisca de Vilhena.
D. Maria da Silva, desde 17 de setembro de 1659.
D. Anna da Silva, desde 28 de setembro de 1662.

Vê-se que este livro foi começado em 1651 e acabado em 1662, por isso que menciona a eleição nesta ultima data.

O auctor declara ter tomado por base das datas as escripturas de emprazamento e outros documentos.

Relação das abbadessas do extincto convento de Santa Maria de Cellas, de Coimbra, extrahida de escripturas publicas o outros documenlos authenticos desde 1663 até á extincção d'esta casa religiosa, existentes no archivo

D. Anna da Silva, 1663, 1665.
D. Maria da Silva, 1666, 1667, 1668.
D. Angela de Miranda, 1669.
D. Maria da Silva, 1672.
D. Anna da Silva, 1676.
D. Maria de Brito, 1679, 1680.
D. Francisca Maria da Cunha, 1681.
D. Francisca Maria Coutinho, 1682, 1683.
D. Marianna da Cunha, 1684, 1685, 1687 em parte.
D. Maria Thereza de Menezes, 1687, 1688, 1689, 1690.
D. Joanna Bandeira, 1690, 1691, 1692, 1693 em parte.
D. Thereza Antonia Coutinho, 1693, 1694, 1695, 1696 em parte.
D. Maria de Azevedo, 1696 em parte.
D. Magdalena da Cunha Vasconcellos, 1696, 1697, 1698, 1699 em parte.
D. Joanna Maria de Mendonça, 1699, 1700, 1701, 1702, 1703, 1704 e 1705 em parte.

D. Guiomar Caetana Cezar de Menezes, 1705.
D. Francisca da Cunha Vasconcellos, 1708.
D. Maria Thereza de Menezes, 1713.
D. Thereza de Vilhena (vice-abbadessa), 1716, 1718, 1719, 1720, 1721, 1722.
D. Francisca da Cunha Vasconcellos, 1721, 1723, 1724, 1725, 1726, 1727, 1729.
D. Joanna Maria de Mendonça, 1732, 1733.
D. Thereza de Sousa Leitão, 1735.
D. Joanna Maria de Mendonça, 1736.
D. Thereza de Sousa Leitão, 1737, 1743, 1753.
D. Marianna Carneiro da Guerra, 1744.
D. Joanna Antonia de Tavora, 1747, 1748.
D. Thereza Luiza Rangel, 1751.
D. Thereza de Sousa Leitão, 1755.
D. Izabel Mauricia de Menezes Lencastre, 1756, 1757.
D. Thereza Luiza Rangel Pereira de Sá, 1760.
D. Maria Gabriel Coutinho Sotto Maior, 1764.
D. Leonor Angelica da Cunha Pereira Coutinho, 1773.
D. Josepha Benta de Mello Coutinho, 1790.
D. Mariana Josepha de Tovar, 1799, 1801.
D. Thereza Jacintha Frazão, 1806, 1807.
D. Ritta Cecilia Saraiva, 1808, 1809.
D. Anna Brigida Pereira Saraiva, 1812, 1814.
D. Ritta Cecilia Saraiva, 1818, 1820.
D. Joaquina Luiza de Freitas, 1824.
D. Leonor de Castro Pereira Napoles e Lemos, 1828.
D. Ritta Cecilia Saraiva, 1832.
D. Leonor de Castro Pereira Napoles e Lemos, 1838, 1844.
D. Antonia de Albuquerque Pinto Castro e Napoles, 1845, 1847, 1849, 1850.
D. Ritta Ricardina Rebello Leite, 1852, 1858, 1859.
D. Leocadia Candida de Freitas, 1863, 1866, 1871, 1876.
D. Maria Felismina do Ó de Figueiredo Negrão, ultima abbadessa ou vigaria *in capite*, fallecida em 15 de abril de 1883.

Esta descoberta è devida ao ex.^mo sr. Alberto Eduardo Sousa, erudito official da repartição de fazenda districtal

de Coimbra, que, á custa de muito trabalho, descobriu documentos antigos e escripturas de renovação de emprazamentos, em que figuravam as mencionadas abbadessas.

Tambem este digno empregado encontrou escripto em livros do convento que o côro da egreja fôra obra do bispo D. Affonso de Castello Branco, em que gastou seis mil cruzados, e com a fabrica do dormitorio novo dezesete mil cruzados, assim como com o chafariz dentro do claustro 300$000 réis; e que tambem foram obra sua as hospedarias no pateo do mosteiro para gasalhado dos hospedes.

Tambem encontrou escripto que os dois sinos do convento, baptizados com os nomes de — *Gabriel* e *Baptista*, foram comprados pela abbadessa D. Leonor de Vasconcellos por 11$000 réis; e ainda uma outra noticia referente ao numero das religiosas que deveria occupar o mosteiro. Diz esta noticia que o papa Paulo V expedira com data de 10 d'outubro de 1615 um breve apostolico, no qual, mediante as informações dadas por frei Gregorio de Carvalho, geral da ordem de S. Bernardo, sobre as rendas e esmolas costumadas e capacidade do mosteiro de Cellas, determinara que n'este mosteiro não passassem as monjas professas a mais de 110, e que o governo de cada abbadessa durasse tres annos, procedendo-se de tres em tres annos a nova eleição, pois que as abbadessas d'este mosteiro eram até então de eleição vitalicia, sendo a ultima d'estas D. Helena de Noronha, fallecida em 24 de janeiro de 1615, principiando d'então a eleição abbacial a ser por triennios.

Com estas Noticias fechamos as *Memorias do Mosteiro*, que tantas recordações saudosas deixou ás suas habitadoras e ao povo de Cellas pela sua completa extincção.

José Maria de Andrade.